

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO/UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA/ CCSST
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

LUZIA DE SOUSA

**BANDEIRA 2: ESTUDO DE CASO DO JORNALISMO POLICIAL DA TV
DIFUSORA DE IMPERATRIZ (MA)**

IMPERATRIZ

2011

Luzia de Sousa

**BANDEIRA 2: ESTUDO DE CASO DO JORNALISMO POLICIAL DA TV
DIFUSORA DE IMPERATRIZ (MA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Prof^a M.^a Denise Ayres

Imperatriz

2011

Sheila de Sousa Monteiro
Bibliotecária CRB 13/568

Sousa, Luzia de

Bandeira 2: estudo de caso do jornalismo policial da TV Difusora de Imperatriz (MA) / Luzia de Sousa. – Imperatriz, 2011.

65 f.

Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2011.

1. Jornalismo policial. 2. Televisão - Bandeira 2. 3. Violência. I. Título.

CDU 070:301.162.2

Luzia de Sousa

**BANDEIRA 2: ESTUDO DE CASO DO JORNALISMO POLICIAL DA TV
DIFUSORA DE IMPERATRIZ (MA)**

Relatório técnico científico de Peça Experimental apresentado como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, pelo curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Orientador: Marcus Túlio Borowski Lavarda

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Msc. Denise Cristina Ayres (Orientador)

Prof. Msc. Alexandre Zarate Maciel

Prof^a. Dr^a. Maria da Penha Nunes da Rocha

AGRADECIMENTOS

Ao senhor Deus, por ter me concedido a graça de estar vencendo mais uma batalha na minha vida, acreditando que tudo acontece no tempo de Deus.

Ao meu saudoso pai, Virgílio Evangelista, que em toda minha vida esteve presente e incentivando cada passo meu.

A minha mãe, Maria José, pela força e orações para que nada fizesse com que eu desanimasse no meio do caminho.

A minha filha, Alana, por entender a importância dessa graduação na minha vida e aceitar dividir o pouco tempo que temos juntas com os meus estudos.

A meus onze irmãos, pelo carinho, compreensão, apoio e incentivo de sempre e principalmente pelas orações das minhas irmãs, Vanila, Alice e Lia.

A minha orientadora, professora Denise Ayres por ser rígida nas suas cobranças buscando sempre um melhor aperfeiçoamento da pesquisa. Eu a escolhi por isso e não me arrependi.

Aos professores e colegas do curso de jornalismo, pela amizade e aprendizagem conseguida nesse período. Todos contribuíram com o meu crescimento e muitos passaram a fazer parte da minha vida.

Os jornalistas são pragmáticos; o jornalismo é uma atividade prática, continuamente confrontada com `horas de fechamento` e o imperativo de responder à importância(...) do imediatismo. Não há tempo para pensar porque é preciso agir.

RESUMO

A pesquisa é um estudo de caso do programa Bandeira 2, exibido pela TV Difusora e primeiro programa policial de Imperatriz (MA). Usando imagens em plano sequência e uma linguagem cheia de clichês e jargões, o programa que é direcionado às classes menos favorecidas se tornou referência entre os programas do gênero na região tocantina.

A investigação objetiva fazer um resgate histórico do programa que já está a quase 20 anos no ar e analisar as rotinas de produção, abordando os valores-notícia e o uso das fontes. O estudo utiliza entrevista semi estruturada com o apresentador, observação participante com acompanhamento da rotina produtiva do programa e a análise do que foi noticiado durante os dias 30 e 31 de maio de 2011.

O Bandeira 2 foi escolhido como objeto de estudo por ser um programa pioneiro na área policial na cidade de Imperatriz, líder de audiência e pautar os demais noticiários.

Palavras-Chave: Televisão, Bandeira 2, Violência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 JORNALISMO POLICIAL: SEDUÇÃO POR MEIO DA VIOLÊNCIA.....	8
1.1 BREVE HISTÓRICO DA TELEVISÃO NO BRASIL.....	11
1.2 IMPERATRIZ E AS IMAGENS NA TV.....	16
1.3 BANDEIRA 2: DESBRAVANDO O JORNALISMO POLICIAL EM IMPERATRIZ...	17
1.4 A SEDUÇÃO ATRAVÉS DA VIOLÊNCIA.....	21
2. A PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS.....	25
2.1 Os valores-notícia.....	27
2.2 As rotinas de produção.....	31
2.3 As Fontes.....	32
2.4 A edição e a apresentação das notícias.....	34
3 ESTUDO DE CASO DO BANDEIRA 2.....	36
3.1 ANÁLISE DAS ROTINAS DE PRODUÇÃO.....	37
3.2 DE OLHO EM VOCÊ: ANÁLISE DO PRODUTO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS.....	56

INTRODUÇÃO

A pesquisa nasceu das inquietações e curiosidade da pesquisadora em relação a audiência do programa policial Bandeira 2, apresentado por Raimundo Roma e exibido pela TV Difusora, retransmissora do SBT, em Imperatriz - MA. Buscando fazer um resgate deste que foi o primeiro programa policial da cidade e entender o fenômeno de audiência, fez-se um acompanhamento do programa para compreender o modo como são produzidas e veiculadas as notícias policiais transmitidas pelo noticioso.

A pesquisa tem como objetivo geral fazer um estudo de caso com a análise dos critérios de noticiabilidade usados no Bandeira 2. A análise é feita de acordo com os conceitos dos valores-notícia usados por Traquina (2008) e Amaral (2006) para a seleção do que é notícia, o que torna o programa mais atrativo e seduz o público fiel a esse tipo de conteúdo. Para alcançar esta finalidade, foram elencados dois objetivos específicos, que são: identificar os critérios de seleção e construção das notícias publicadas no Bandeira 2 e o conteúdo, definindo os temas mais recorrentes de acordo com os valores-notícia. A pesquisa propõe apresentar uma análise do que foi publicado durante os dias 30 e 31 do mês de maio de 2011, e nesse contexto, mostrar de que forma a exploração da violência cotidiana é apresentada no programa.

O projeto é dividido em três capítulos. No primeiro é feito um resgate histórico dos programas policiais na televisão brasileira, tendo como base o precursor desse gênero que foi o “Aqui Agora”, programa que surgiu na década de 1990 e incentivou o surgimento de vários outros abordando o mesmo tema, inclusive o Bandeira 2. A história da televisão no Brasil é contada a partir do pioneirismo de Assis Chateaubriand na década de 1950 até os dias de hoje. O advento da televisão em Imperatriz e o surgimento do Bandeira 2 são descritos basicamente através de entrevistas qualitativas, sendo que poucos documentos locais existem nessa área.

A sedução por meio da violência um dos ingredientes principais do gênero policial é abordado dentro da pesquisa enfocando autores como Amaral (2006) que oferece um comparativo interessante entre o jornalismo de referência, o popular e o sensacionalista e mostra critérios de noticiabilidade que se incorporaram ao jornalismo direcionado às classes

C, D e E. Angrimani (1996) que trata do sensacionalismo mostrando linguagem e formato característicos de programas policiais. Sodré e Paiva (2002) acrescentam a pesquisa, a abordagem do grotesco no cotidiano do jornalismo policial e vários outros autores colaboram na discussão sobre a construção da dramatização e espetacularização, presenças constantes nesse gênero televisivo.

A produção com a seleção e apresentação das notícias, as rotinas e as fontes foram alguns dos instrumentais abordados para a análise do *Bandeira 2*. Traquina (2008) e Wolf (2005) são os teóricos que deram embasamento para este capítulo, durante o acompanhamento das rotinas de produção do programa, cada item foi observado com o intuito de construir um estudo de caso do programa policial que se tornou referência na região. Espera-se com isso contribuir e incentivar pesquisas sobre os programas televisivos locais, reconhecer a importância do pioneirismo e despertar questionamentos sobre a televisão que temos e a que podemos construir.

1 JORNALISMO POLICIAL: SENSAÇÃO POR MEIO DA VIOLÊNCIA

Os telejornais policiais surgiram na grade de programação das principais emissoras de sinal aberto do país logo no início da década de 1990. Do ponto de vista econômico, social e político, esse momento é determinado como a fase da globalização e da TV paga. Segundo Amaral (2006) a implantação das redes de televisão a cabo forçou a TV aberta a investir nos programas populares. O objetivo era arrebanhar os telespectadores das classes C, D e E já que as classes A e B estavam migrando para a TV fechada. Nesse mesmo período o sucesso do Plano Real fez com que as camadas mais pobres da população aumentassem o poder aquisitivo e adquirissem mais televisores, o que fez crescer a audiência e acirrou a briga entre as emissoras de sinal aberto.

Na busca de aumentar a audiência, a televisão promoveu comoção nacional na transmissão de várias reportagens, tais como o caso do assassinato da atriz de TV Daniela Pérez, em 1992, quando se deu mais destaque ao crime do que à decisão do *impeachment* do Presidente Collor. Em 1994, nova comoção nacional foi comandada pelas emissoras de TV com o acidente e enterro de Ayrton Senna. A carnavalização da tragédia foi repetida em 1998, quando o acompanhamento e transmissões do drama do cantor Leandro (da dupla sertaneja Leandro & Leonardo) ganhou da Copa do Mundo e das eleições, no noticiário da TV (MATTOS, 2010, p.45).

Nesse contexto a televisão aberta no Brasil chegou a uma fase de transformação que modificou a programação. As notícias policiais a partir desse período se incorporaram ao dia-a-dia do telespectador brasileiro. Os fatos violentos antes noticiados em jornais de referência de forma leve, sem apelo sensacionalista passaram a ser frequentes nos telejornais. Com isso surgiram várias versões de programas policiais e ganharam espaço em todas as emissoras. O “Aqui Agora”, precursor desse gênero e grande destaque desse momento forçou uma reformulação nos demais telejornais. Eles aumentaram a quantidade de matérias policiais, passaram a ter mais entradas ao vivo e até a linguagem foi modificada para ficar menos formal.

Na guerra de audiência nenhum tipo de atração causou tanta ebulição quanto os programas chamados *popularescos*, a ponto de terem abalado, ao final dos anos 90, a sólida grade de programação da Rede Globo, colocando em xeque a rigidez do Padrão Globo de Qualidade.

Nesses programas, geralmente, a figura do apresentador/artista/ator é muito forte, atribuindo-se grande parte da audiência ao seu carisma pessoal, o que gera uma disputa entre as emissoras pela sua contratação (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p. 119).

O aumento dos índices de violência ao longo da década de 1990 foi outro fator marcante principalmente pelo crescimento dos roubos e homicídios e colocou a população numa situação de medo e insegurança, conforme pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Entre 1992 e 1999 o levantamento aponta um aumento de 37% no número de assassinatos registrados no país. Nesse contexto os telejornais policiais acabaram se transformando em guardiões dos interesses da população.

Os jornais/telejornais auto-intitulados populares baseiam-se na valorização do cotidiano, da fruição individual, do sentimento e da subjetividade. Os assuntos públicos são muitas vezes ignorados; o mundo é percebido de maneira personalizada e os fatos são singularizados ao extremo. O enfoque sobre grandes temas recai sobre o ângulo subjetivo e pessoal. O público leitor [telespectador], distante das esferas de poder, prefere ver sua cotidianidade impressa no jornal ou veiculada na TV, e a informação é sinônimo de sensação e da versão de diferentes realidades individuais em forma de espetáculo (AMARAL, 2006, p. 57).

Segundo a autora os programas de caráter popular constroem legitimidade a partir de critérios como proximidade e testemunho. O interesse do público seria então o próprio mundo do telespectador. A tentativa de ligar a linguagem jornalística, à linguagem mais popular fez com que os programas se apropriassem de assuntos sedutores para o público alvo. Dessa forma a autora acredita que os acontecimentos são transformados em notícias de acordo com os critérios de cada jornal. A diferença entre um jornalismo mais popular ou mesmo sensacionalista seria então a intensidade oferecida em determinada notícia.

Trazer o cidadão comum para a televisão, tornar visíveis acontecimentos do cotidiano, mostrar depoimentos, relatar o sofrimento e angústias das pessoas simples, dar voz ao

cidadão, são estratégias que os programas populares usam para chegar até ao público alvo que fica em sintonia com a informação, se identifica com ela e, portanto a entende.

A imprensa popular cria um modo próprio de lidar com conceitos de verdade, realidade e credibilidade. Se a função do jornal é “fazer saber” e “fazer crer”, na imprensa popular o “fazer sentir” passa também a ser uma das atribuições do jornal, mas não somente no sentido de produzir sensações a qualquer custo, mas com a intenção de seduzir o leitor/telespectador com base na noção de pertencimento social (AMARAL, 2006, p.59).

De acordo com Angrimani (1995) sensacionalismo é uma palavra usada muitas vezes para condenar publicações, já que ao denominar um veículo como tal ele é colocado “à margem dos mídias sérios” e a credibilidade passa a ser questionada. O autor define “sensacionalismo é tornar sensacional aquilo que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento (...) sensacionalismo é a produção do noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato”(ANGRIMANI, 1995, p.16). Seria o exagero intencional da notícia com o objetivo de provocar as emoções do telespectador. Usando o clichê o sensacionalismo estabelece uma relação emotiva com o público, que se vê inserido no fato noticioso. “A linguagem sensacionalista não admite distanciamento, nem a proteção da neutralidade” (ANGRIMANI, 1995, p.16). Sensacionalismo seria, portanto, uma maneira diferente de transmitir uma informação, uma estratégia usada para chamar a atenção do telespectador. Na concepção de Bourdieu (1997), a apresentação de fatos espetacularizados é o alimento predileto da imprensa sensacionalista. Modelo de programa televisivo que se instalou em todas as emissoras do país. O interesse público se torna maior se o fato oferecer uma grande carga dramática, de acordo com Souza (2008) o público se solidariza ao ver o sofrimento do outro mostrado na televisão.

Empiricamente, o que se revela no Brasil hoje é a constituição de dois pólos produtores de notícias sobre a criminalidade. Ainda que dentro do campo jornalístico como um todo as notícias televisivas passam a ser incluídas em geral no pólo popular, é sensível a tendência de as emissoras periféricas produzirem uma distinção entre telejornais com notícias gerais e telejornais voltados para a apresentação de crimes, estes últimos envolvendo um estilo improvisado, opinativo e em primeira pessoa (SOUZA, 2008, p.54).

O recurso estético do grotesco e do espetacular vem sendo usado desde o início da história da televisão no Brasil, seja com programas de auditórios ou programas que usavam a exploração da miséria humana e durante anos conseguiram grande audiência. O modelo é antigo e segundo Amaral (2006) com exceção dos avanços tecnológicos que deram maior agilidade e qualidade ao produto apresentado atualmente, o que se faz hoje nos programas de linha popular não é novidade e sempre atraiu o público. O “Linha Direta”, por exemplo, exibido pela TV Globo a partir de 1999 na disputa pela audiência com o Programa do Ratinho do SBT, teve como inspirações o “Homem do Sapato Branco” programa policial de sucesso na década de 1960 e programas de rádio como o de Gil Gomes que além de usar trilha sonora fazia uma reconstituição de casos de mortes chocantes e denunciava foragidos.

Considerado o remanescente dessa linhagem dos telejornais policiais diários, o Brasil Urgente é hoje o único que ainda está no ar. Atualmente o Programa Brasil Urgente da Rede Bandeirante, que é exibido desde 03 de dezembro de 2001 é ancorado pelo jornalista José Luís Datena. No caso dos programas policiais, por privilegiarem a cobertura da violência e terem como estrutura base a transmissão ao vivo, a entrevista com o cidadão comum é uma constante. Em programas como o Brasil Urgente, por exemplo, as pessoas são incitadas pelo apresentador, a narrar os seus dramas cotidianos. Se antes da criação desses programas, as emissoras já notavam a necessidade de oferecer mais tempo à cobertura policial em seus telejornais diários. Nos programas policiais, o que se faz é assumir a decisão de dar ênfase a esse fenômeno com o objetivo de atrair o olhar e a audiência das classes mais populares.

Nesse contexto Vizeu afirma que “O produto televisivo é uma mercadoria complexa em três variantes: por seu conteúdo (diversidade de conteúdos genéricos, de conteúdos temáticos ou pelos sistemas de emissão), pelas indústrias que o compõem (cinema, edição, informação, música) e pelas relações entre programação e publicidade” (VIZEU, 2003, p.34). E Marcondes Filho (1993) completa dizendo que a televisão introduziu uma nova maneira de se ver o mundo, uma nova economia visual

1.1 BREVE HISTÓRICO DA TELEVISÃO NO BRASIL

A TV se instalou no Brasil numa época em que o rádio era o veículo de comunicação de massa mais popular do país. Enquanto a TV norte-americana se espelhou na indústria

cinematográfica, a televisão brasileira teve a influência do rádio. Foram usadas desde a estrutura até o formato de programação radiofônica incluindo os artistas.

Com recursos técnicos primários e nenhum conhecimento sobre a nova mídia, o início da televisão no Brasil foi marcado por improvisos que levaram a uma aprendizagem cheia de aventuras. Assis Chateaubriand dono de um conglomerado de emissoras resolveu investir na TV e para isso trouxe todos os aparelhos dos Estados Unidos já que o país ainda não produzia o equipamento na época.

A televisão surgiu no Brasil quase que simultaneamente com a entrada no ar da primeira emissora do país. A PRF-3 TV Difusora, mais tarde denominada TV Tupi de São Paulo, estreou no dia 18 de setembro de 1950. A emissora fazia parte do grupo Diários e Emissoras Associados, comandado pelo empresário Assis Chateaubriand, dono de um império que envolvia jornais, revistas e rádios. Chateaubriand trouxe técnicos da RCA – American Radio Corporation para ajudar na implantação da TV.

Uma confusão tomou conta da emissora no dia da estréia devido à queima de uma das três câmeras, o que provocou um atraso de 90 minutos para o início das transmissões. A primeira transmissão foi feita com a orquestra do maestro Georges Henry, executando “Cisne Branco”, de Antonio Manoel do Espírito Santo e Benedito Macedo. Constava da programação inicial a transmissão da cerimônia de benção e batismo dos estúdios, além de esquetes, até o encerramento, às 21 horas com o show de Hebe Camargo, que cantaria a “Canção da TV”, composta por Guilherme de Almeida. Hebe ficou repentinamente rouca, tendo sido substituída por Lolita Rodrigues e Vilma Bentivegna. (MATTOS, 2010, p.28)

O primeiro telejornal, *Imagens do Dia* entrou no ar dois dias depois da estreia da TV Tupi. Sem horário fixo, seguia o modelo conhecido na época que era o estilo do rádio. Com um formato simples, quem produzia e redigia as notícias era o locutor Rui Rezende que lia notas cobertas¹ com imagens em preto e branco. Pouco mais de um ano depois o jornal foi substituído pelo Telenotícias Panair. Nos primeiros meses a TV Tupi tinha apenas cinco horas de programação por dia, incluindo filmes, shows de auditórios e noticiários.

A televisão já começou com característica de veículo publicitário, no início não conseguia atrair audiência que superasse o rádio nem os anunciantes. Mas, logo foi usada

¹ Nota coberta é o texto lido pelo apresentador do telejornal em *off*, coberto com imagens (PATERNOSTRO, 2006, p.212).

pelas agências de publicidade estrangeiras que já conheciam o poder do veículo em seus países e passaram a investir na programação brasileira. Nesse período eram os patrocinadores que davam nomes aos programas, ditavam o conteúdo e até quem seriam os artistas e produtores. Seguindo a característica dessa época logo em 1952, surgiu o Repórter Esso. Estreou primeiro na TV Tupi do Rio e, no ano seguinte, na TV Tupi de São Paulo. Abrangendo o noticiário nacional e o internacional, o programa permaneceu no ar por quase 20 anos no horário nobre. “O Repórter Esso foi um dos programas de maior sucesso da história da televisão brasileira” (PATERNOSTRO, 2006, p. 37). Até a abertura do telejornal ganhou destaque e é lembrada até hoje: “Aqui fala o seu Repórter Esso, testemunha ocular da história”.

Segundo Paternostro (2006), nos primeiros dez anos de instalação da TV no Brasil ela ainda era considerada artigo de luxo. De 12 mil aparelhos existentes em 1954 no Rio e em São Paulo, esse número foi ampliado para 78 mil, quatro anos depois em todo o país. Aos poucos com o crescimento da produção de televisores e o preço mais acessível, a TV se tornou um grande aliado na venda de produtos. No final da década de 1950 já havia dez emissoras de televisão em funcionamento. Mas a programação ainda era julgada elitizada, seguindo os moldes do rádio, as atrações principais eram entrevistas, debates, teleteatros e músicas clássicas.

Foi nos anos 60 que a televisão se consolidou de vez no Brasil com a popularização. Nessa época também começou a disputa pela audiência e aumentaram os investimentos tecnológicos na área. Uma das primeiras emissoras a apostar no potencial do videotape foi a TV Excelsior.

O equipamento que resolveu o problema das imagens de TV, fora lançado em 1956, nos Estados Unidos. Caríssimo, chegou ao Brasil apenas no início de 1960, por força de uma necessidade incontornável: cobrir as festas de inauguração da nova capital, Brasília, que ficava muito longe do eixo Rio-São Paulo e não permitia um televisionamento direto. Gravar imagens, enviá-las por avião e transmitir-las posteriormente era a única forma viável de fazer com que os brasileiros das duas principais cidades participassem das cerimônias históricas. (BORELLI; PRIOLLI, 2000, p.17).

Num primeiro momento o VT foi usado apenas para registrar e duplicar os programas. Somente em 1962, a emissora pôde usar todos os recursos de imagens e de linguagem com a

edição eletrônica e investir em programas de entretenimento como o Chico Anísio Show. É nesse momento que as telenovelas antes feitas ao vivo ganharam um novo impulso e estreou a primeira novela diária, 2-5499 Ocupado, com Glória Menezes e Tarcísio Meira

Com o VT surgiu também a opção de duplicação dos programas de televisão de sucesso que eram copiados e vendidos para outras emissoras, começou então a difusão da ideia de programação nacional. A fase populista da TV, segundo Mattos (1985), veio junto com o golpe militar que afetou não só o sistema político, mas o modelo socioeconômico e os meios de comunicação. A televisão se tornou então o principal veículo de comunicação usado para difundir o novo regime imposto ao país. Quem não aceitava a ideologia era censurado ou cassado. De acordo com Mattos (1985), no período de 1968 a 1979 os veículos de comunicação ficaram sujeitos às restrições do Ato Institucional Nº 5 que dava poderes ao governo federal de censurar a mídia e pudessem enquadrá-las na Lei de Segurança Nacional.

Feito para livrar o Brasil da “ameaça comunista”, o regime acabou promovendo implantações importantes no setor das telecomunicações, como a criação da Embratel-Empresa Brasileira de Telecomunicações. “A Embratel interliga o Brasil através de linhas básicas de microondas – rotas – e adere ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações – o *Intelsat*. Estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão” (PATERNOSTRO, 2006, p. 33). Nesse período o governo militar tinha um projeto de desenvolvimento econômico e de segurança nacional com o objetivo de integrar o país sob uma mesma identidade nacional. Dessa forma, foi criada uma infra-estrutura de telecomunicações, interligando o Brasil através de um sistema de microondas disponibilizado pela Embratel.

A Rede Globo foi a pioneira na transmissão via satélite. Criada em 1965 no Rio de Janeiro por Roberto Marinho, a emissora das Organizações Globo surgiu apostando no gênero popular. Na programação nomes como Dercy Gonçalves, Sílvio Santos e o programa “Casamento na TV” apresentado por Raul Longras. Com isso a emissora foi conseguindo grande audiência entre as camadas socioeconômicas mais baixas. Aproveitando o suporte da Embratel, em 1º de setembro de 1969, a TV Globo lançou o Jornal Nacional. O primeiro telejornal em rede nacional chegou com inovações que privilegiavam o tratamento da imagem. Seguindo o modelo norte-americano, o jornal fez uso de reportagens em cores; as imagens eram transmitidas via satélite no momento em que elas estavam ocorrendo e foi o primeiro a usar correspondentes no exterior. O Jornal Nacional é o telejornal há mais tempo

no ar na televisão brasileira e o líder de audiência entre os telejornais transmitidos no horário nobre.

No ano de 1970 o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fez um levantamento e confirmou que a televisão já era usada em 27% das residências brasileiras. Nesse mesmo ano a Copa do Mundo era transmitida ao vivo para todo o país. E enquanto emissoras como a Rede Globo se consolidava cada vez mais, a TV Excelsior perdeu sua concessão que foi cassada pelo governo. Em 1973, foi lançada a primeira telenovela em cores “O Bem amado” que marcou o início desse gênero de programa em horário nobre. Logo em seguida, em 1975 a Globo teria a novela “Roque Santeiro” de Dias Gomes, censurada pelo governo. A telenovela só foi exibida dez anos depois. Em 1976 a Rede Globo começou a exportar seus programas para países da América Latina, e o Grupo Silvio Santos ganhou a primeira concessão de um canal de TV no Rio de Janeiro o canal 11 TVS (TV Studios).

Em 1980 a TV Tupi primeira emissora do país estava com problemas financeiros e teve a concessão cassada pelo governo. As emissoras da Rede Tupi foram divididas então entre Sílvio Santos e Adolfo Bloch. Um ano depois a TVS passou a integrar o SBT – Sistema Brasileiro de Televisão. Em 1988, mais uma novidade que agradou o público foi implantada no telejornalismo nacional. Surgiu a figura do âncora com Boris Casoy no TJ Brasil. “Importado do modelo norte-americano de telejornalismo, o âncora é aquele jornalista que participa de todas as etapas do telejornal, ou seja, dirige, apresenta, comenta e opina sobre as notícias do jornal”(PATERNOSTRO, 2006, p.39). A opinião dada pelo âncora no telejornal além de inovar, trouxe credibilidade e resultou em bons índices de audiência para o SBT. O jornalista Boris Casoy proveniente do jornal impresso ganhou destaque e experiência também na TV.

No início da década de 1990 o SBT chamou a atenção do público mais uma vez com um programa que remete ao início da história da TV, quando a linguagem do telejornal era a mesma usada no rádio. As frases longas traziam muitos detalhes sobre os assuntos abordados. Cada notícia era transmitida pelo locutor que passava os acontecimentos narrando todos os detalhes e adjetivos possíveis. Essa linguagem foi resgatada pela TV brasileira em 20 de maio de 1991, quando estreou o programa “Aqui Agora”.

A emissora que sempre investiu numa programação voltada para as classes C, D e E, agora trazia um programa que de acordo com o próprio slogan, iria mostrar a “vida como ela é”, numa alusão à teoria do espelho em que o jornalista conseguiria transmitir a realidade dos

fatos com total imparcialidade. “Em duas horas de programa, no horário nobre, antecedendo o TJ Brasil, o SBT atraiu o telespectador com um show de notícias, e cresceu em audiência.” (PATERNOSTRO, 2006, p.39). No final de 1997 o programa considerado sensacionalista, apelativo e cheio de violência e tensão saiu do ar. Mas, deixou sua marca e seguidores, como os programas Cidade Alerta, da Rede Record, Brasil Urgente, da Band, Repórter Cidadão, RedeTV! e 190 Urgente da Rede CNT e vários programas locais como o Bandeira 2 da TV Difusora em Imperatriz no estado do Maranhão.

Em meados dos anos 2000 a inovação viria com o primeiro canal brasileiro de jornalismo 24 horas. A Globo News estreou em 15 de outubro de 2006 e iniciou um projeto que destacou a notícia inédita, a agilidade e principalmente a qualidade da informação. Lançada no dia 27 de setembro de 2007, a Record News foi o primeiro canal de notícias aberto e já abrange mais de 300 municípios brasileiros investindo principalmente em jornalismo. Segundo Partenostro (2006) agora é a vez da TV digital que tem como grande vantagem a resolução da imagem, som de qualidade e a interatividade.

1.2 IMPERATRIZ E AS IMAGENS NA TV

Até a metade da década de 1970, Imperatriz não possuía nenhuma emissora de TV. A perseverança de dois homens marcou o surgimento das primeiras transmissões na cidade. Pedro Bala e Francisco Ramos que era eletrotécnico conseguiram, a partir de uma doação do empresário João Claudino uma antena e um aparelho de televisão que serviriam para captar o primeiro sinal de TV em 1967. Era de uma TV boliviana, anunciando a morte do guerrilheiro Che Guevara. “Pedro Bala subia em um morro, colocava a antena, enquanto Ramos procurava sintonizar.” (BARROS, 1996, p. 344).

Em 1975, com o empenho do interventor da cidade, coronel da Polícia Militar, Alberto Barateiro da Costa foi criada uma comissão com o objetivo de conseguir recursos para a compra de equipamentos e levantar as necessidades junto à Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações, o Dentel- Departamento Nacional de Telecomunicações e a Rede Globo, para definitivamente instalar uma emissora de televisão em Imperatriz. Raimundo Cabeludo e Francisco Ramos, que faziam parte dessa comissão, foram para Brasília e lá receberam o apoio do então senador José Sarney para conseguir a concessão.

No final de 1975 a concessão de duas emissoras foi aprovada para a prefeitura e os imperatrizenses puderam assistir a TV Tupi e a Rede Globo, que nessa época exibiam novelas de sucesso como “A Viagem” e “Saramandaia”. Durante quatro anos a retransmissora do canal 4, TV Imperatriz funcionou controlada pela prefeitura e a pessoa responsável pela assistência técnica era Francisco Ramos. Atualmente a emissora que já pertenceu ao grupo Magno Bacelar, é a TV Mirante, operando no canal 10 como parte do Sistema Mirante de comunicação de propriedade da família Sarney.

Logo em 1978 foi a vez da instalação da TV Tropical, afiliada da rede Bandeirantes. Raimundo Cabeludo e Bayma Júnior foram seus primeiros proprietários. Atualmente é a empresa Chico do Rádio Comunicações – CRC de propriedade do Prefeito de Davinópolis, Chico do Rádio.

A TV Karajás, ligada ao SBT – Sistema Brasileiro de Televisão surgiu em 1981 e tinha quatro proprietários; Raimundo Cabeludo, Francisco Ramos, J. Nascimento e Osvaldo Nascimento. A TV Curimã, que retransmitia o sinal da Rede Manchete, surgiu em 1983. Raimundo Cabeludo e Gilberto Bontempo foram os primeiros proprietários. Segundo Marcelo Rodrigues, a TV Curimã passou a ser geradora somente a partir de agosto de 1990 quando Ribamar Fiquene, ex-prefeito de Imperatriz e aliado político do então Presidente da República José Sarney, ganhou a concessão do canal 7, SBT. Os primeiros sócios da TV foram Zenira Fiquene (esposa de Ribamar Fiquene), Lia Evangelista de Sousa e Marcelo Rodrigues Cardoso (diretor de jornalismo da TV). Em 2006 a TV seria vendida para Edison Lobão Filho que atualmente exerce o cargo de senador na vaga deixada por seu pai, Edison Lobão, atual Ministro de Minas e Energia do governo Dilma Roussef. Lobão Filho é o proprietário da emissora até hoje.

Em 1984 foi instalada a TV Educativa, afiliada a TV Educativa Nacional junto a Fundação Ernesto Geisel. A emissora permaneceu no ar apenas durante cinco anos com uma programação voltada para a educação e programas jornalísticos.

Atualmente, Imperatriz conta com duas emissoras e cinco retransmissoras de televisão. Rede Bandeirantes (TV CRC, canal 4) Rede TV (TV Capital, canal 5), SBT (TV Difusora Sul, canal 7), Rede Globo (TV Mirante, canal 10), Rede Record (TV Nativa, canal 13), Rede Vida (TV Anajás, canal 16), Rede CNT (TV Tocantins, canal 21).

1.3 BANDEIRA 2: DESBRAVANDO O JORNALISMO POLICIAL EM IMPERATRIZ

A TV Difusora era denominada TV Alvorada até 1989. Não tinha programação local e funcionava apenas como uma retransmissora do sinal da Rede Manchete no mesmo prédio da Rádio Cultura, na Rua Simplício Moreira, centro de Imperatriz.

Em agosto de 1990, o ex-prefeito Ribamar Fiquene, que governou Imperatriz de 1985 a 1988, ganhou a concessão do SBT canal 7 e a TV Difusora passou a ser geradora do sinal. Ainda em 1990 a emissora ganhou prédio próprio e funciona até hoje no mesmo local, na rua Monte Castelo, em seguida houve um investimento para a contratação de funcionários que iriam atuar no setor de jornalismo. O diretor do departamento comercial da emissora na época, João Vitor do Nascimento,² lembra que foi convidado por Zenira Fiquene sócia majoritária da emissora para fazer a TV funcionar e dar lucros, ele conta que já trabalhava com vendas na TV Mirante e achou a proposta um desafio.

O primeiro telejornal da TV Alvorada entrou no ar em 1991, era o TJ Notícias às 19h30 com duração de apenas 20 minutos e apresentado por Demerval Moreno e Silvanete Gomes. Marcelo Rodrigues³ era o diretor de jornalismo e lembra que a equipe já começou estruturada. “Eram dois apresentadores e cinco repórteres entre novatos e pessoas remanescentes do rádio; Carloto Junior, Dilma Brandão, Jânio Arley, Luzia Sousa e Mara Santos”.

No final de janeiro de 1992 estreou o segundo programa da TV Alvorada, o Bandeira 2 que se tornou o pioneiro a abordar temas policiais. A ideia foi concebida pelo pernambucano João Vitor do Nascimento que conhecia um programa de rádio exibido em Recife com o mesmo nome e decidiu apostar no projeto para a televisão. O nome Bandeira 2 remete a “bandeira” usada pelos taxistas no período noturno, quando a taxa do taxímetro é cobrada mais caro. Jânio Arley foi o primeiro repórter do programa que já começou com o estilo plano sequência⁴, algo inédito para o formato que se fazia na cidade até então. Começava aí a influência do jornalismo exibido pelo Aqui Agora nos programas locais. O Bandeira 2 cobria os fatos que aconteciam durante a noite e a madrugada. As reportagens eram diversificadas e incluíam desde shows artísticos, eventos sociais, até homicídios.

² Entrevista concedida em 08/03/2010

³ Entrevista concedida em 10/03/2010.

⁴ Plano sequência: É um plano que registra a ação de uma sequência inteira, sem cortes, usado normalmente no cinema ou em audiovisuais.

Em menos de um ano no ar, Jânio Arley saiu por causa de denúncias feitas dentro do programa sobre desvio de verbas no período de carnaval por organizadores do evento que eram ligados ao governo. Segundo Marcelo Rodrigues, as pressões políticas fizeram com que o dono da emissora, que não queria demitir o funcionário por esse motivo, transferisse o repórter para a TV Difusora de São Luís, onde também começou o Bandeira 2. Atualmente Jânio Arley apresenta o programa “De olho em você” exibido pela TV Maranhense Band da Capital. Em Imperatriz, o Bandeira 2 passou a ser comandado por Otair Moreira, o apresentador ficou durante cinco anos à frente do programa. A grande audiência e popularidade lhe garantiram uma vaga na Câmara Municipal entre os anos de 1997 a 2000.

Manoel Cecílio substituiu o antecessor no comando do programa e impôs um ritmo mais frenético. Frases como “é só ela nenê”, viraram mania entre os telespectadores. Ele usava jargões para dar um tom irônico ao fato, nesse caso específico “ela” era a cachaça. O jargão passou a ser dito pelo apresentador toda vez que alguém alcoolizado era conduzido à delegacia e já chegava cambaleando. A entrevista virava motivo de risos e com isso o apresentador ganhou grande destaque. As matérias normalmente tinham um toque de humor e até o entrevistado muitas vezes falava algum jargão criado pelo apresentador.

De acordo com Marcelo Rodrigues quanto mais o programa ganhava em audiência, mais era estigmatizado. Quando a equipe do programa chegava a algum lugar para gravar, principalmente em eventos sociais, todo mundo corria ou escondia o rosto da câmera, pois ninguém queria aparecer. Ser visto no Bandeira 2 um programa considerado popular e que só mostrava as mazelas da sociedade, era sinal de que alguma coisa errada havia acontecido envolvendo o personagem. Por isso mesmo o formato teve que ser mudado passando a ser totalmente policial.

As críticas às imagens fortes exibidas durante o horário do Bandeira 2, e os primeiros processos contra os apresentadores principalmente por exibir imagens de menores, fizeram com que o programa fosse reformulado em 1997. Assim, Demerval Moreno e Maria Spindola começaram a apresentar o programa que ganhou um novo formato. Os dois chamavam as matérias ao vivo, em pé e ao ar livre, numa laje no prédio da emissora. As matérias produzidas à noite também passaram a ter uma edição mais criteriosa. Apesar da mudança com a figura de dois apresentadores com credibilidade local a idéia não emplacou e o formato anterior voltou a ser usado agora com o repórter Paulo Negrão.

Proveniente do rádio, Paulo Negrão⁵ começou no Bandeira 2 sem nenhuma experiência de TV e conseguiu permanecer quase oito anos à frente do programa. Ele contou que nesse período chegou a ser ameaçado algumas vezes “Bom, toda ação profissional tem momentos receosos, mas no caso do programa durante uma época cheguei a andar escoltado pela PM e inclusive com arma de fogo e PM da inteligência comigo na viatura do programa.” Paulo também fez algumas alterações no programa. Por um período, ele tentou adaptar um formato de telejornal ao Bandeira 2 e chamava do estúdio as matérias que ele próprio fazia. Mas o estilo inconfundível e marca inicial do programa que era a produção na externa garantia mais audiência e acabou sendo utilizado novamente. Paulo Negrão continua atuando na área policial e apresenta o programa “Imperatriz Urgente” exibido pela TV Bandeirantes das 6h45 às 7h30 de segunda a sexta e, no sábado, das 7h30 às 8h30.

Atualmente o Bandeira 2 é apresentado por Raimundo Roma⁶. Ex- vendedor de loja de departamentos, herdou o sobrenome “Roma” da loja onde trabalhou por cinco anos. Começou a realizar reportagens policiais em um programa exibido na Rede TV em 1999 após fazer um curso de introdução às técnicas de reportagens durante três meses, oferecido pelo veterano Marcelo Rodrigues. Em seguida ganhou seu próprio programa, o “Imperatriz Urgente”, na TV Bandeirantes, exibido das 6 às 7 horas da manhã com o objetivo de concorrer com o Bandeira 2. “Na época era só eu e o Ciriano [cinematógrafo] em uma moto rodando pela cidade. Cheguei a narrar matérias pilotando a moto, aí quando a gente chegava à TV, o Ciriano ia editar tudo. Sofremos, mas valeu a pena.”

Em menos de um ano no ar na Bandeirantes, Roma foi chamado para apresentar o Bandeira 2, “Na época nem acreditei, eu ia apresentar o Bandeira 2, o programa de maior sucesso de Imperatriz”. O programa agora enfocava fatos policiais, mas também mostrava ações sociais e fazia prestação de serviço. O apresentador continuava sendo uma marca dentro do programa e se destacou inclusive dentro da política. Raimundo Roma foi eleito vereador nas eleições de 2008 pelo Partido Social Liberal (PSL) com 1.918 votos. Apesar da linha editorial da empresa, o apresentador do Bandeira 2 sempre teve uma certa autonomia o que lhe garante imprimir entre outras coisas uma linguagem diferenciada, inclusive com o uso de jargões, um dos mais comuns citados por Roma constantemente durante o programa é o “despombalizado”, Roma usa essa palavra toda vez que entrevista alguém que não sabe explicar bem o que quer e acaba confundindo o telespectador ou, quando alguém apresenta

⁵ Negrão, Paulo: Entrevista concedida em 12/03/2010

⁶ Entrevista concedida em 14/03/2010.

distúrbios mentais. Ao ser perguntado por que usa a expressão “despombalizado” o apresentador diz “observei que as pombas voam meio sem noção umas se chocando com as outras, então imaginei que elas são meio doidas, por isso uso a palavra, e acabou pegando”.

Em 19 anos o programa teve pelo menos sete apresentadores oficiais, todos com grande destaque na mídia local. Após Jânio Arley, vieram Otair Moreira, Demerval Moreno e Maria Espíndola, Manuel Cecílio, já falecido, Paulo Negrão e Raimundo Roma. Nesse período além de Maria Espíndola que apresentou ao vivo durante a manhã o programa, apenas duas mulheres fizeram externas no período noturno no Bandeira 2. Mara Santos na década de 1990 cobrindo as férias de Manoel Cecílio, e Luzia Sousa em 2001 substituindo Paulo Negrão durante um mês.

O slogan “de olho em você”, criado por Jânio Arley no início do programa, também ficou muito conhecido entre os telespectadores. A frase nunca foi mudada e é usada a cada chamada de bloco pelo apresentador. A imagem, outro ponto marcante dentro do programa, termina sempre fechada no personagem que gerou a notícia. Seguindo o padrão do precursor “Aqui Agora”, são usadas com frequência imagens em close para evidenciar as emoções dos personagens e o plano sequência com imagens em movimento e até tremidas para dar a idéia de que estão sendo transmitidas ao vivo e oferecer maior realidade para o telespectador.

Desde a criação, o Bandeira 2 sempre pautou a mídia local. Como as emissoras não contavam com equipes para fazer cobertura jornalística à noite, o programa acabou se tornando uma fonte de informação para os jornais impressos, rádios e TVs. Logo pela manhã o que era notícia no Bandeira 2, também se tornava destaque nos telejornais que aproveitavam para “suitar”⁷ a matéria com informações atualizadas. Atualmente matérias noticiadas no Bandeira 2 continuam pautando as mídias eletrônicas, e o jornal impresso muitas vezes só mostra a notícia no dia seguinte, ou seja, com 24 horas de atraso.

Não é por acaso que, de acordo com o Departamento Comercial da Empresa, o Bandeira 2 tem hoje em média 15 clientes, entre patrocínios e *merchandisings*. O programa rende para a emissora cerca de 50 mil reais por mês em comerciais, 20% a mais que o segundo programa mais vendido da casa que é o “Difusora Repórter” exibido no horário das 13 horas. O faturamento mensal faz também com que o repórter que é editor-chefe do programa seja mais valorizado. O salário do apresentador é o mais alto da empresa, em contrapartida, ele é o responsável pelo programa na íntegra, a começar pelas pautas que são

⁷ Suíte é a sequência que se dá a um assunto que é quente e contínua e desperta interesse no telespectador. A suíte deve sempre conter informações que a atualize (PATERNOSTRO, 2006, p.221).

todas determinadas por ele, seja a partir de escuta radiofônica, por denúncias feitas através de telespectadores por telefone ou ainda através das fontes.

1.4 A SEDUÇÃO POR MEIO DA VIOLÊNCIA

Para Barbero (2004, p.40) “se a televisão atrai é porque a rua expulsa, é dos medos que vivem as mídias”. Segundo o autor é nas imagens que as pessoas potencializam o cotidiano, principalmente os temores. A violência sempre existiu, mas nunca foi tão evidenciada nos telejornais como agora. Com a inserção dos programas populares e de telejornais recheados de matérias policiais, notícias como assassinato, estupro, suicídio e sequestro ganharam destaque. O “Aqui Agora” no auge do sucesso scandalizou o país ao exibir, em julho de 1993, o suicídio ao vivo da jovem Daniele Alves que se jogou do alto de um prédio em São Paulo. A matéria serviu para alavancar em 33,5% o índice de audiência do programa, mas causou um processo à emissora.

A televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico. Em relação aos subúrbios, o que interessará são as rebeliões (BOURDIEU, 1997, p.25).

Cada vez mais a violência é mostrada como espetáculo nos telejornais. O uso de imagens fortes que geram polêmica junto à opinião pública também resulta em audiência, o que fortalece a exploração de notícias sensacionais. Na concepção de Debord (1997), o espetáculo faz a notícia se tornar uma mercadoria e criar vínculos com o cotidiano do espectador. O espetáculo se torna um reflexo da vida cotidiana do espectador. As dramatizações reforçam o caráter de veracidade dos fatos dando legitimidade ao que está sendo transmitido. “A realidade para os telespectadores é cada vez mais o que passa na tela” (SOUZA, 2008, p. 79).

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto

mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos apresenta (DEBORD, 2003, P.19).

A imagem é o principal atrativo da espetacularização. O vazio deixado pelas falas é ocupado pela imagem que provoca o fascínio do telespectador. Para Debord (1997), o cotidiano das sociedades se tornou uma acumulação de imagens e de espetáculos. Para o autor o espetáculo é conceituado como uma relação social entre as pessoas mediada por imagens.

No livro “Espreme que sai sangue”, Danilo Angrimani (2005) sugere que a diferença entre um jornal de referência e outro sensacionalista seria a maneira como a informação é produzida. A mudança estaria não só na abordagem, mas na linguagem que busca proximidade com o público. A notícia sensacionalista marcada pelo exagero e valorização da emoção e que explora o espetacular, termina ocupando um espaço mais importante do que a própria informação tida como o objetivo primeiro do fazer jornalístico, mas ao ampliar um fato jornalístico violento o jornal sensacionalista estaria apenas atendendo a uma necessidade, um desejo do público. Para o autor o jornal de sensação destaca em sua editoria o assassinato, o suicídio, o estupro e outras situações de conflito.

Segundo o autor não há dúvida que ao divulgar ações criminosas haja alguma imitação, mas não se pode deixar de lado a questão de que o crime iria acontecer de qualquer forma. “Uma das críticas mais comuns que se faz contra os jornais sensacionalistas, deduz que esse gênero de imprensa apanha um acontecimento parcial e cotidiano, amplia-o, e assim estaria colaborando para a reprodução da violência”. (ANGRIMANI 1995, p.57). De acordo com o autor quando um jornal valoriza a notícia e mostra um fato violento, o público experimenta “emoções sádicas ou eróticas”, que representariam uma projeção da sua violência, mas isso não significa dizer que a imprensa estimula a atuação do indivíduo e sim ajuda na descarga das pulsões agressivas impostas culturalmente. Outro fator de atração do público com esse tipo de programa é a proximidade da notícia pelo fato de ter ocorrido no bairro, na rua. O telespectador tem aquela sensação de que poderia ter acontecido com ele.

O autor recorre à psicanálise para estudar o sensacionalismo e a violência mostrada cada vez mais nos fatos jornalísticos. Para isso, dedica um capítulo do livro e recorre aos termos ego, id e superego, noções introduzidas por Freud (1923) para tentar explicar as instâncias da personalidade dos indivíduos. O ego seria responsável pela percepção da

realidade, mas também sofre o instinto ou desejo sexual do id e a severidade o superego. O id é a fonte de pulsão, que seria segundo Freud impulsos interiores que guiam a ação humana, ou seja, o conteúdo inconsciente e o superego é a instância controladora por intermédio de normas sociais. O autor ressalta que o ego masoquista do público ao se colocar no lugar do transgressor punido que está sendo mostrado na notícia, assume uma fantasia substitutiva. Assim, “O superego acessório será o juiz que condena implacavelmente os egos transgressores, através de manchetes e textos, onde predomina uma lição de moral e a agressividade de quem deseja castigar” (ANGRIMANI, 1995, p.51).

Nas narrativas jornalísticas, a violência social é mostrada apenas como um ato que pode ser visualizado e dramatizado pelas mídias. Num jornal sensacionalista notícias sobre morte e crime são sempre destaque e geram interesse no público. Seja por virtudes como moralidade e justiça ou pela natureza violenta dos indivíduos, as pessoas continuam assistindo cenas de atos violentos mesmo que se sintam perturbadas com elas. O grotesco cada vez mais se torna popular e é aceito pelo público.

O grotesco vem do italiano "grotta", que significa gruta ou porão. Durante as escavações em Roma, no século XV, os subterrâneos do palácio do imperador romano Nero, estavam cheios de adornos em forma de caramujos, vegetais e abismos. A partir daí tudo que era estranho ou de mau gosto, passou a receber o nome de grotesco. Na estrutura do grotesco se encaixam “o fabuloso, o aberrante, o macabro, o demente – enfim tudo que à primeira vista se localiza numa ordem inacessível à normalidade humana” (Sodré, 1972, p, 38). No livro “O Império do Grotesco”, Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002) afirmam que o grotesco se infiltrou nos diversos gêneros televisivos desde programas de auditório ao telejornalismo espetacularizado. A convivência entre o belo e o feio, o harmonioso e o disforme e tantas outras categorias opostas podem ser consideradas características do grotesco.

Eles destacam ainda que o efeito do grotesco “não se define, entretanto pura e simplesmente pelo monstruoso ou pelas aberrações. É preciso que, no contexto do espetáculo ou da literatura, estas produzam efeitos de medo ou de riso nervoso, para que se crie um estranhamento do mundo, uma sensação de absurdo ou de inexplicável” (p. 56). Para os autores a audiência não é vítima, mas cúmplice passiva de um *ethos*⁸ que se habituou a ver. O

⁸ *Ethos*, na Sociologia, é uma espécie de síntese dos costumes de um povo. O termo indica, de maneira geral, os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de outros. Seria assim, um valor de identidade social.

público aceita como verdade tudo que é apresentado pela televisão, assegurando em troca fidelidade a programas que atendam às suas expectativas do divertimento fácil. Nesse contexto o jornalismo sintético, que só responde às perguntas o quê, onde e quando parece ter perdido o poder de persuasão, agora o que prende à audiência é transportar para o plano individual, para o melodrama em que o telespectador possa se identificar e até se chocar com o que está sendo noticiado.

Segundo Marcondes Filho (1988), a violência é valorizada porque dá a quem assiste a sensação de que está fazendo as coisas de maneira correta e que aqueles que não seguem as regras são exemplarmente punidos. É a imposição das normas e leis existentes na sociedade se sobressaindo no inconsciente do indivíduo. A televisão, ao mostrar situações de violência e pessoas sendo presas ao cometer algum delito, fortalece a necessidade do cumprimento das regras. Portanto, mesmo que o indivíduo tenha vontade de não fazer aquilo que lhe é imposto deve fazê-lo porque é correto. Ao tranquilizar o telespectador ela é valorizada e passa a noção de que “não é só ele que sofre, mas todos, e todos têm de abrir mão de seus desejos” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 88). Uma vez que toda cultura é repleta de um amontoado de privações.

Uma imagem pode causar sentimentos extremos e opostos, como alegria, comoção, desespero, piedade e indignação. Com todos os recursos que a televisão possui, observa-se a facilidade com que a TV consegue levar o assunto violência para dentro das casas, causar discussões e se inserir no imaginário das pessoas. Seja provocando influências positiva ou negativa, a violência transmitida na TV já se tornou um hábito.

Enquanto Debord (1997) considera alienante a espetacularização da notícia, Wolton diz que o público não é alienado, mas apenas influenciado pelas apresentações da TV “(...) o público nunca é passivo ou alienado. Ele pode ser influenciado, principalmente por programas de baixa qualidade, mas falar em alienação suporia a perda do seu livre-arbítrio” (WOLTON, 2003, p.67).

2. A PRODUÇÃO DAS NOTÍCIAS

O processo de produção das notícias, o *newsmaking*, caracterizado como a sociologia do emissor, tenta compreender quais são os fatores que influenciam na elaboração da agenda jornalística e da notícia que será inserida na discussão pública. A expressão formada pela palavra inglesa *news* que significa notícia, novidade e por *making* que seria fabricação, caracteriza-se como o estudo “sobre os emissores e sobre os processos produtivos na comunicação de massa” (WOLF, 2005, p.181).

Dentro de uma perspectiva jornalística, os efeitos de verdade, confiabilidade e credibilidade, se assumem como forma de representação de uma realidade construída a partir do olhar do jornalista. Neste sentido, as investigações sobre o jornalismo a partir da década 1970, segundo Nelson Traquina (2001), retratam um novo paradigma: o das notícias como “construção social”, o que faz emergir duas teorias a estruturalista e a interacionista.

Ambas as teorias rejeitam a teoria do espelho e criticam o empiricismo ingênuo dos jornalistas. Para ambas as teorias, as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização (TRAQUINA, 2005, p.173).

Assim, a objetividade estaria presente na notícia através do método utilizado pelo jornalista para a construção da mesma obedecendo a critérios objetivos, como ouvir todos os lados envolvidos em uma questão, checar os dados com mais de uma fonte e ser fiel aos fatos. O grau de subjetividade presente em todo relato jornalístico não é desconsiderado, mas é aceito que o método utilizado pelo jornalista para escolha do que será noticiado leva em conta meios objetivos.

A matéria prima do jornalismo é a notícia e esta é explicada tanto por autores como pelos jornalistas por meio de critérios de seleção dos acontecimentos. “Poderemos definir notícia como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante, e este, de seu aspecto mais importante” (LAGE, 2006, p.17). Traquina (2005, p.203) completa dizendo que “as notícias são construções, narrativas, ‘estórias’.” E para elas serem desenvolvidas utilizam-se algumas técnicas, ou seja, conhecimentos adquiridos dentro da profissão que para o autor tem um *ethos* cercado de mitologias.

A notícia seria determinada então, a partir de convenções profissionais, elas é que iam legitimar o processo produtivo, a utilização de fontes e a seleção do acontecimento. O

conjunto desses critérios iria estabelecer o grau de noticiabilidade de cada fato. “Os critérios de relevância são, por um lado, flexíveis e variáveis quanto à mudança de certos parâmetros e, por outro, são sempre considerados em relação à forma de operar do organismo que faz a informação”. (WOLF, 2005, p.193). É a partir dos componentes de noticiabilidade e dos critérios de relevância que se definem os valores-notícia e a seleção de um determinado fato a ser agendado. Para facilitar a produção das notícias, o autor aponta duas direções. A cultura profissional, cuja ideologia traduz uma série de modelos e de práticas profissionais e do outro lado as restrições ligadas à organização de trabalho.

De acordo com Wolf (2005) apesar da decisão de publicar ou não uma notícia parecer subjetiva, as pesquisas provam que o interesse individual conta muito pouco na maioria dos casos. As explicações para essa escolha configuram aspectos como; a falta de espaço no noticioso, a falta de interesse jornalístico, a qualidade ruim da escrita ou até mesmo a falta de interesse do público pelo fato do acontecimento não representar proximidade.

Os parâmetros chamados de noticiabilidade foram criados porque na produção de um jornal, é necessário seguir algumas regras que determinam o que é notícia. O autor definiu seis critérios que auxiliam os jornalistas a decidir quais acontecimentos serão transformados em notícia. São eles: proximidade, atualidade, identificação social, intensidade, ineditismo e identificação humana.

O ser humano tem interesse em saber o que acontece ao seu redor, nesse caso proximidade não é necessariamente geográfica, pode ser relacionada a fatos que o afetem diretamente como o aumento da cesta básica, por exemplo, ou simplesmente acontecimentos que não interfiram no cotidiano, mas têm a ver com a realidade social. A atualidade é outro fator recorrente da notícia a ser veiculada. O interesse do homem está estritamente ligado aos fatos mais próximos do seu tempo. Notícias com grande impacto social como um terremoto que deixa milhares de mortos e feridos causam grande intensidade e prenderão mais a atenção do público.

O ineditismo de um acontecimento é outro fator essencial para despertar o interesse. Nesse caso o valor notícia é alto e pode ir desde situações trágicas a cômicas, é a raridade do fato que destaca. O último critério apontado pelo autor é o de identificação humana e social, ele explica que a identificação social se dá de baixo para cima da pirâmide das camadas de classes, e a humana é quando o fato envolve alguém público, onde estão implícitas aspirações e fantasias que dificilmente serão alcançadas, mas que são valorizadas pelo público.

2.1 Os valores-notícia

Os valores-notícia funcionam como base para a apresentação da informação. E o processo de escolha do que será ou não noticiado faz parte de uma rotina quase automática do meio jornalístico. Vários critérios devem ser observados pelo jornalista ao determinar quais fatos terão destaque e quais serão descartados.

De acordo com Wolf (*apud* Traquina, 2005, p. 78), “os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística, ou seja, no processo de seleção dos acontecimentos e no processo de elaboração da notícia, isto é, no processo de construção da notícia”. Ele subdivide os valores-notícia em valores de seleção e de construção. Os valores de seleção referem-se aos critérios que são utilizados para selecionar os acontecimentos que devem ou não ser transformados em notícia. Estes são subdivididos por Traquina (2005) em critérios substantivos que fazem uma avaliação direta do acontecimento em termos de importância ou interesse como notícia. Segundo o autor, os critérios substantivos dos valores-notícia de seleção se constituem em:

a) morte: esse assunto sempre interessa ao jornalista e é consenso entre os profissionais como um valor-notícia de fundamental importância o que explica inclusive o negativismo do mundo jornalístico exibido diariamente pela mídia principalmente em programas policiais.

b) notoriedade: diz respeito ao prestígio da pessoa envolvida no acontecimento: quanto maior for o prestígio do “ator principal”, maior probabilidade de se tornar notícia;

c) proximidade: o leitor se interessará mais por assuntos que lhe estejam próximos, seja geográfica ou culturalmente;

d) relevância: devem ser informados ao público acontecimentos que tenham impacto sobre a vida destes;

e) tempo: apropriado de diversas maneiras pelos jornalistas, seja como atualidade, seja como gancho para outra matéria ligada ao assunto ou para acontecimentos passados relacionados ao dia da publicação do material jornalístico.

f) notabilidade: trata-se da referência do acontecimento, seu caráter tangível para que possa ser explicitado ao leitor. “O valor-notícia da notabilidade alerta-nos para a forma como o campo jornalístico está mais virado para a cobertura de acontecimentos e não de

problemáticas” (TRAQUINA, 2005, p. 82). Também são critérios de notabilidade, a falha, a abundância e a escassez.

g) inesperado: acontecimento que é improvável de acontecer e, por isso, surpreende e mobiliza a rotina das redações e do público; é o elemento surpresa.

h) conflito ou controvérsia: trata-se da violência física ou simbólica contida no acontecimento. “A violência também pode representar a ruptura. Representa assim uma ruptura fundamental na ordem social. O uso da violência marca a distinção entre os que são fundamentalmente da sociedade e os que estão fora dela” (TRAQUINA, 2005, p. 85);

i) infração: refere-se à violação das regras, à transgressão dos valores sociais. Este valor-notícia explica o motivo de os crimes receberem tratamento de rotina pelos jornalistas. “Qualquer crime pode ficar com mais valor-notícia se a violência lhe estiver associada.” (TRAQUINA, 2005, p. 85)

j) escândalo: ligado ao valor-notícia anterior, o escândalo coloca os jornalistas como defensores da sociedade.

Os critérios de seleção contextuais englobam o processo de produção da notícia e dizem respeito ao contexto e não às características dos acontecimentos, dentre eles estão incluídos;

a) disponibilidade: devido ao fator tempo e aos recursos, o acontecimento é avaliado segundo a facilidade de fazer sua cobertura; nesse caso o fator custo/benefício é medido pela empresa que disponibiliza ou não uma equipe para fazer a cobertura da notícia.

b) equilíbrio: relaciona-se à quantidade de material jornalístico já publicado sobre um assunto, determinando se o mesmo está ou não esgotado;

c) visualidade: ligada a elementos visuais como fotografias, imagens que ilustrem o acontecimento, dotando-o de um caráter de notabilidade; valor-notícia crucial para a televisão e de pouca importância para o rádio por exemplo.

d) concorrência: trata-se da disputa entre as empresas jornalísticas que acirra a busca pelo inusitado, o “furo” jornalístico;

e) dia-noticioso: critério que leva em conta os acontecimentos do dia. Nem sempre há muitos acontecimentos que virariam notícia, mas devido à falta destes, outros cuja noticiabilidade não é grande, acabam ganhando as páginas dos jornais.

Os valores de construção dizem respeito aos critérios de seleção dentro dos acontecimentos, dignos de serem incluídos na elaboração da notícia, destacam-se:

a) simplificação: para ser compreendida pelo público, a notícia deve ser simples, clara, sem ambiguidades que possam gerar dúvidas ao leitor;

b) amplificação: trata-se de atingir o maior número de pessoas possível, repercutindo o ato ou suas consequências; amplificar para que a notícia seja notada pelo público é função do jornalista nesse caso.

c) relevância: é o interesse que a notícia tende a despertar no leitor, por isso, o jornalista deve tornar o acontecimento relevante para as pessoas;

d) personalização: ressaltar as pessoas envolvidas no acontecimento permite que um público maior se identifique com elas e se interesse pela notícia; Personalizar seria buscar personagens.

e) dramatização: trata-se de salientar os aspectos comoventes e conflituosos do acontecimento, apelando para o viés emocional do público; é a ênfase na parte melodramática da notícia.

f) consonância: a notícia, ao mesmo tempo em que implica em novidade, deve possuir um caráter previsível de narrativa para chamar a atenção do leitor. A notícia precisa estar contextualizada. “O novo acontecimento é inserido numa velha história” (TRAQUINA, 2008, p.93).

No momento em que as redações são bombardeadas por informações, a imprensa tende a atribuir valores e critérios para selecionar o que é mais importante para o interesse público e social. A partir dessa associação, o valor/notícia passa a ser a tônica para escolher qual notícia causa a maior repercussão (TRAQUINA, 2005, p.5)

Para Traquina alguns valores notícia ajudam a construir a sociedade como “consenso” que requer uma noção de unidade. “Grupos fora do consenso são vistos como dissidentes ou marginais”(TRAQUINA, 2008, p. 86). Portanto existe um consenso entre jornalistas e o público sobre o que é positivo ou negativo e isso é fundamental segundo o autor para o entendimento consensual da notícia. Dentro dessa esfera de consenso o papel do jornalista seria conservador e legitimizador. “Na verdade sentem frequentemente como sua responsabilidade agir como advogados ou cerimoniais dos valores de consenso”(TRAQUINA, 2008, p. 87).

A outra esfera apontada pelo autor que se encaixa nas rotinas do jornalismo de sensação é a do desvio, essa é totalmente desprovida de neutralidade. O papel da mídia nessa esfera é expor, excluir e condenar os que desafiam a esfera do consenso. Estratégia muito usada pelos apresentadores de programas policiais, por exemplo, quando mostram uma pessoa

acusada de estupro, a condenação é feita no momento da entrevista, por ser um ato repugnado pelo público. Dessa forma o jornalismo atua como conciliador de conflitos buscando um consenso junto a sociedade. “A maneira de ver dos membros da tribo jornalística privilegia uma visão bipolar – o mundo é estruturado em pólos opostos: o bem e o mal, o pró e o contra, etc.” (TRAQUINA, 2008, p.47). essa maneira de ver seria explicada segundo as regras de objetividade e pela própria estruturação do acontecimento de forma dramatizada.

Amaral (2006) destaca que a sistematização dos valores-notícia é feita de diversas formas pelos autores que estudam a profissão jornalística. Ela explica que esses valores não são fixos, mas ajudam a organizar a análise de como um acontecimento ganha *status* de notícia nos jornais. Segundo a autora, na imprensa de referência terão mais chances de serem noticiados acontecimentos que envolvam indivíduos importantes na sociedade, que causem impacto sobre a nação, se envolver muitas pessoas, tiver algum relacionamento com políticas públicas, e se for exclusivo.

No jornalismo popular a autora elege três critérios que considera como os mais importantes na hora de usar como parâmetro para a probabilidade de algum fato ser noticiado: o **entretenimento** (divertir explorando o sensório e o prazer). “Tudo que prende e atrai, seja uma cena escandalosa, ridícula ou insólita tem potencial para ser notícia. As regras de um bom show passam a valer para o jornalismo.” A **proximidade** (o fato narrado de modo a ficar próximo a realidade do público) e a **utilidade** (informações que auxiliem as pessoas em relação aos seus direitos básicos e modo de vida, prestação de serviço e assistencialismo). Para Amaral, (2006, p. 70) “Os acontecimentos para se transformarem em notícias e fazerem sentido para alguém, devem estar enquadrados no universo do público.

Os jornalistas, *grosso modo*, interessam-se pelo excepcional, pelo que é excepcional para eles. O que pode ser banal para outros poderá ser extraordinário *para eles* ou o contrário. Eles se interessam pelo extraordinário, pelo que rompe o ordinário, pelo que não é cotidiano (BOURDIEU, 1997, p.26).

Segundo o autor todos perseguem o *furo* na tentativa de se diferenciar, mas a busca pelo extraordinário, pela exclusividade termina muitas vezes uniformizando as notícias nos jornais televisivos. Nesse sentido os telejornais policiais conferem credibilidade e autenticidade ao conteúdo que mostram porque apostam na expressão do real ou de uma

verdade discursiva. Amaral (2006) ressalta que na dosagem entre o fazer saber (a informação propriamente dita) e o fazer sentir (captação do público) é que esses programas se destacam. Não é a notícia que é usada nesse tipo de telejornal que chama a atenção do telespectador, mas como ela é colocada, é a forma de dizer, é a linguagem usada que assegura a identificação com o público. A narrativa dos programas policiais em sua maioria se encaixa com a linguagem considerada sensacionalista, ela transporta o telespectador para o local do acontecimento, faz com que ele sinta as mesmas emoções. Portanto, iremos verificar se esses critérios estão presentes no programa policial estudado e como eles são inseridos.

2.2 As rotinas de produção

A atividade jornalística busca observar, interpretar e conferir sentido à realidade. Wolf (2005) afirma que no jornalismo televisivo cinco critérios de qualidade da notícia devem ser observados. A *ação*, em que a notícia fica melhor quando ilustra por meio da imagem e da narração um momento importante da ação. *O ritmo*, quando uma notícia não tem ação mais deve ser noticiada com dados ou narração que a deixe menos enfadonha. *O caráter exaustivo*, tomar cuidado para não deixar uma notícia muito longa com detalhes e pontos de vista supérfluos. *A clareza da linguagem*, falar com linguagem simples para que o telespectador não fique confuso, já que ele só vai ouvir uma vez a notícia e *padrões técnicos* mínimos que vão ajudar a evitar ruídos na comunicação.

O autor afirma que as rotinas de produção são compostas por três fases principais que incidem diretamente na qualidade da informação, a coleta, a seleção e a apresentação. A coleta na prática é bem limitada, pois depende dos recursos disponíveis e das fontes. Com a necessidade de ter um grande fluxo de notícias esse trabalho de coleta deve se tornar rotineiro, e o que deve se destacar são os critérios de noticiabilidade. A seleção é feita a partir do material que chega às redações.

O tempo é o eixo central do jornalismo. Sob a pressão da hora do fechamento, as empresas do campo jornalístico são obrigadas a elaborar estratégias para dar conta da sua matéria-prima principal: a notícia. Ela pode surgir em qualquer parte e a qualquer momento. Diante da imprevisibilidade, as

empresas necessitam colocar ordem no tempo e no espaço (VIZEU, 2003, p.80).

Para Wolf (2005) o processo de seleção consiste na captação das notícias para dar forma ao noticiário. Essa etapa é comparada pelo autor a um funil, onde são colocadas várias informações e poucas serão aproveitadas. Mas, quando o número de notícias que chega à redação é muito grande e ainda surgem as notícias imprevistas é provocado o efeito sanfona. Segundo o autor isso acontece quando algumas matérias são inseridas ou deslocadas no jornal de última hora. Na seleção das notícias o critério relevância não é o único a ser observado; os recursos do departamento também são considerados desde a equipe, o formato do telejornal e o tempo de produção. O que é visto ou não pelos jornalistas de acordo com Bourdieu (1997) é retratado quando ele fala da metáfora dos óculos. “Os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p.25). A base para fazer essa seleção seria o “a busca do sensacional”. O autor faz uma análise sobre os critérios adotados pelo jornalista na hora de determinar que notícia seja importante ou não para o público.

Em televisão o texto casado com a imagem valorizando os sentidos da visão e audição do telespectador, evidencia ainda mais o impacto que será causado por determinadas notícias. “Dependendo da intensidade, da força, uma imagem que aparece no ar em escassos 15 segundos permanece na mente do telespectador por muito tempo, às vezes, para sempre” (PARTENOSTRO, 2006, P.75).

2.3 As Fontes

Traquina (2005) diz que para o jornalista qualquer pessoa pode ser uma fonte. Se fornecer uma informação, conceder uma entrevista ou ainda se de alguma forma tiver participação em um acontecimento que venha a ser notícia, é usado como fonte. O autor afirma ainda que cultivar fontes é um dos fundamentos do trabalho jornalístico. Por isso o jornalista deve também estar consciente que existem critérios para avaliar a confiabilidade das fontes e o autor nomeia três deles: autoridade, produtividade e credibilidade.

A autoridade da fonte é usada pelo jornalista mais pelo cargo ocupado por ela do que pelo que será dito. “Quanto mais prestigioso for o título ou a posição do indivíduo, maior será a confiança das pessoas na sua autoridade. Chama-se isso de hierarquia da credibilidade” (TRAQUINA, 2005, p.191). Como todo jornal busca credibilidade, é uma fonte muito usada e se torna um critério fundamental no fazer jornalístico, são as chamadas fontes oficiais, que garantem a solidez da notícia no imaginário do público.

O critério da produtividade garante agilidade na hora de obter determinadas informações para o fechamento de uma notícia sem ter que recorrer a várias fontes. Por isso as fontes institucionais nesse caso mais acessíveis e que podem passar várias informações, prevalecem nos noticiosos. O que remete à credibilidade, outro critério das fontes que deve ser avaliado pelo jornalista. Porque satisfazem essas exigências as fontes oficiais se tornaram as mais procuradas até pela própria rotina do jornalismo e o fator tempo que requer agilidade na hora da apuração de um fato noticioso.

As fontes podem ser distintas de várias formas para efeito desta pesquisa, dividimos as fontes em três tipos pertinentes ao corpus. “Fonte institucional”, aquela que representa setores organizados da sociedade, sejam elas o estado, associações de funcionários, empresas ou mesmo o terceiro setor. “Fonte documental” aquela que se baseia em informações que sirvam para a consulta do jornalista e a “fonte não-institucional” quando não existe ligação com o poder instituído, representando o cidadão comum.

Em geral, quem fala no jornalismo de referência são os jornalistas, editorialistas, colunistas e fontes oficiais, pois representam instituições de poder, exercem certo controle e tem determinadas responsabilidades. Quem não exerce poder na sociedade, não ocupa cargo ou não tem representatividade econômica não tem voz na notícia, a menos que suas ações produzam efeitos negativos. (...) as fontes populares são consultadas apenas quando são testemunhas de algum fato trágico (AMARAL, 2006, p. 56).

Quando se fala em notícias de criminalidade, as fontes que oferecem credibilidade ao que está sendo noticiado normalmente são policiais, juízes, advogados, legistas ou especialistas. Essas são as vozes que vão amparar o discurso. “Como objeto do discurso, os criminosos são frequentemente referidos de forma pejorativa, implícita ou explicitamente, mediante, por exemplo, o uso de metáforas e de adjetivações” (NATALINO, 2007, p.85). Por outro lado, segundo o autor, enquanto o acusado é “demonizado” também são construídas

figuras de “heróis” que seriam os defensores dos inocentes expostos nos fatos noticiosos que causam mais comoção na sociedade ao serem explorados pela mídia como, por exemplo, o caso do jornalista Tim Lopes⁹.

Amaral (2006, p. 125) destaca que no jornalismo popular atual, a função do testemunho ganha cada vez mais espaço. “Normalmente a fala popular não explica o fato de forma contextualizada, mas sim de forma individualizada. Dessa forma devem ser procuradas também outras fontes que contribuam para a compreensão do fato em sua complexidade.” Para a autora, a informação incompleta apenas com a opinião do povo fica no “âmbito superficial, do entretenimento, da dramaticidade,” fugindo da objetividade dos fatos tão defendida pelos jornalistas ou dando espaço aos definidores Primários. De acordo com Traquina (2005), são os definidores primários que norteiam as tarefas da imprensa em casos específicos, como programas policiais, por exemplo. São os primeiros a serem procurados para entrevistas, por garantirem legitimidade ao depoimento. Sendo assim, o que as “autoridades” dizem a respeito dos acontecimentos diários de uma cidade, são evidenciados como verdades. Nesse estudo de caso do Bandeira 2, vamos observar como as fontes são apresentadas ao público, e se as fontes institucionais norteiam o diálogo.

2.4 Edição e apresentação das notícias

É na fase de apresentação das notícias que são destacados os elementos que determinaram a noticiabilidade no momento de seleção. Essa é a fase final que compõe o processo de elaboração da notícia no jornal. “O telejornal só extrai da matéria a parte que lhe interessa. O editor decide o enfoque, o tempo e que manchete será utilizada. Em suas mãos está a definição política do fato e como deverá repercutir na sociedade. O editor pode aumentar, reduzir ou simplesmente suprimir fatos” (MARCONDES FILHO, 1988, p. 56).

Segundo Traquina (2008) a edição vai condensar e deixar a notícia coerente, o acontecimento seria transformado numa história com início, meio e fim. O autor afirma ainda que todo dia os jornalistas devem ter novas histórias pra contar, e tem que ser diferentes das

⁹ Tim Lopes, jornalista assassinado em junho de 2001 no complexo do Alemão quando fazia uma reportagem sobre o tráfico de drogas em um baile *funk*.

do dia anterior, mas nas redações o tempo é implacável, por isso a importância do imediatismo.

Quando o telespectador liga a televisão para assistir a um telejornal ele quer se informar, saber as notícias. E sabe que será por meio da imagem. Muitas vezes, quando existe uma imagem forte de um acontecimento, ela leva vantagem sobre a palavra. Ela é suficiente para transmitir, ao mesmo tempo, informação e emoção (PATERNOSTRO, 2006, p. 85).

No jornalismo de referência o texto vem sempre acompanhado de imagens. Portanto “filmagem imagens que acompanham uma notícia, já tendo em mente a possível montagem que será feita, significa concentrar-se nos aspectos considerados profissionalmente mais idôneos para ilustrar o acontecimento, ou seja, agir com base nos valores notícia” (WOLF, 2006, p.260). Já Amaral (2006) destaca, que no jornalismo popular muitas vezes o interesse do público ultrapassa o interesse público critério destacado não pelo tema da notícia, mas na edição que se baseia na individualização do problema.

Nesse sentido, pretendemos identificar como é feita a edição e apresentação das notícias dentro do programa analisado, se é seguido o padrão do jornalismo de referência com a figura do editor como um selecionador do que será noticiado ou se existe apenas a preocupação com a espetacularização das notícias e com o tempo de fechamento do programa.

3. ESTUDO DE CASO DO BANDEIRA 2

O Bandeira 2 é um programa policial com uma hora de duração que vai ao ar de segunda a sábado das 6 às 7 horas da manhã. Aos sábados o programa é reprisado das 7 às 8 horas atendendo ao pedido de uma parcela dos telespectadores que reclamam do horário de exibição do programa ser muito cedo. O programa aborda o cotidiano noturno da cidade de Imperatriz e região e tem como foco principal as notícias policiais e de serviços. As pautas variam desde brigas de casais, tiroteios, homicídios, acidentes, denúncias sobre esgotos estourados e ruas alagadas.

O programa foi o primeiro de Imperatriz a ter como base assuntos policiais, mas hoje também funciona como prestador de serviços e utilidade pública. Por causa da grande audiência na região consolidada por quase 20 anos no ar, o programa ajuda a encontrar documentos, objetos e até pessoas perdidas. Quando alguém quer fazer uma denúncia, antes de ir à delegacia, procura o Bandeira 2.

O programa que é referência na cidade é também o carro-chefe da emissora. Desde que foi criado, o Bandeira 2 foi o único programa da TV Difusora que nunca saiu do ar. Os outros já deixaram de ser exibidos por alguns meses e o jornal até mudou de nome três vezes. O programa é formado por uma equipe pequena apenas o apresentador e editor-chefe que faz todas as matérias. Com ele mais três pessoas completam a equipe. O cinegrafista, o motorista, que também é iluminador, e o editor.

Em média a equipe faz oito matérias por noite, dependendo das ocorrências policiais. Nos dias em que a noite é “quente”, ou seja, quando acontecem muitos crimes, a equipe fecha a edição cedo. Já em dias quando as ocorrências criminais são poucas, a equipe tem de ficar até a madrugada para conseguir concluir o programa que pode ser fechado com matérias de bairros ou então reprisando reportagens que já foram exibidas em outros programas da emissora no dia anterior ou ainda matérias frias que foram feitas em dias anteriores e estavam na gaveta.

Para compreender as rotinas de produção e o conteúdo do Bandeira 2 serão usados os critérios de noticiabilidade abordados por Wolf (2005), o objetivo é verificar quais critérios são mais abordados dentro do programa e como é feita essa seleção. Para Traquina (2005) as notícias são o resultado de um processo de percepção, seleção e transformação de um acontecimento num produto final. Com base nos valores notícia de seleção e construção destacados nos capítulos anteriores será analisado como estão inseridas as notícias dentro do Bandeira 2.

A metodologia usada para a análise das rotinas de produção do Bandeira 2 compreende três etapas: a observação participante da produção do programa durante os dias 28 e 30 de maio de 2011; entrevista semi-estruturada com o apresentador e análise do conteúdo que foi ao ar durante os dois dias de acompanhamento das rotinas de produção, com base nas discussões sobre sensacionalismo, grotesco e espetacularização da notícia abordados no capítulo anterior.

3.1 ANÁLISE DAS ROTINAS DE PRODUÇÃO DO BANDEIRA 2

A produção das notícias do programa segue uma rotina fora dos padrões do jornalismo de referência. No Bandeira 2 não existe a figura do produtor/pauteiro. A produção começa a partir da chegada do apresentador à TV. Às 19 horas Raimundo Roma chega na TV Difusora sem nenhuma pauta, e o que acontecer a partir desta hora é o que poderá ser notícia no programa. A saída para a externa é imediata. No carro existem dois rádios-escuta, um sintonizado na frequência da Polícia Militar e o outro no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). Se acontecer algum crime ou acidente será ouvido em uma dessas frequências já que as testemunhas normalmente pedem ajuda e nesse caso a equipe chega junto com as viaturas ou com a ambulância e pode mostrar o acontecimento com a emoção do resgate e entrevistas com fontes oficiais e vítimas.

Quanto ao processo de seleção das notícias, são percebidos nas rotinas do Bandeira 2 os critérios estabelecidos por Wolf (2005) que o compara a um funil, em que muitas informações chegam, mas poucas serão filtradas dependendo do grau de importância. Notícias factuais e que despertam interesse público são as escolhidas já que o programa de uma hora de duração tem apenas 35 minutos para matérias, o restante do tempo é ocupado por comerciais. A seleção das matérias é feita ainda durante a escuta. A prioridade é acompanhar os casos mais graves quando acontecem duas ou mais ocorrências num mesmo espaço de tempo. Nesse caso fatos cujos valores notícia são: morte, notoriedade, tempo, proximidade, conflito e infração passam a ter mais força e se puderem ser exploradas a dramatização e a personalização, são os escolhidos para serem noticiados pelo programa.

O tempo de cada matéria é determinado pelo apresentador. “Normalmente as primeiras matérias da noite eu faço maiores para garantir o programa por medo de não conseguir fechar o tempo geral. Às vezes numa noite tem matéria de sobra, já noutras, falta”¹⁰. Roma diz que por causa disso nem sempre a matéria mais importante da noite é a maior dentro do programa por causa do tempo que foi usado nas reportagens iniciais, mas essa foi uma maneira encontrada por ele para evitar ficar sem matéria suficiente para suprir o programa.

Quanto a construção da notícia o Bandeira 2 diverge totalmente do jornalismo de referência, que usa a pirâmide invertida, em que o fato mais importante fica no topo da pirâmide. Dessa forma as notícias são apresentadas em ordem decrescente de importância, e

¹⁰ Entrevista concedida em 30/05/2011

isso é base não só para uma matéria, mas para o formato do jornal. No Bandeira 2 não existe escalada das notícias, o programa já começa com uma matéria que normalmente é fria, sem grande importância. De acordo com o apresentador, o programa começa muito cedo e ele acredita que a audiência é menor, por isso deixa as matérias de maior interesse da metade para o final do programa. Usando o quadro com a logomarca da Difusora como cenário, ele sempre faz o encerramento na recepção da TV, onde completa as informações sobre assuntos que foram noticiados, mas ficou faltando algum desfecho. Roma também mostra as manchetes dos jornais impressos, que normalmente foram notícias destacadas no Bandeira 2 do dia anterior.

Além da rádio-escuta, o programa conta com pautas que são passadas com o auxílio do telefone celular do apresentador, cujo número é divulgado dentro do programa e fica à disposição dos telespectadores. A delegacia também é usada como base de apoio para a equipe e é um local onde as pessoas procuram o Bandeira 2 para fazer denúncias e pedidos pessoais. Tudo é gravado e no final selecionado de acordo com o tempo do programa. As matérias que puderem ser guardadas para exibir em outro dia, vão para o arquivo e as que não puderem ou não couberam no programa, são descartadas.

O formato e o padrão do Bandeira 2 também são totalmente diferenciados do jornalismo de referência. Não há produção, e a edição é mínima, de acordo com o próprio apresentador para oferecer ao telespectador a ideia de “ao vivo”. O cinegrafista registra as imagens sem o uso do tripé. A câmera no ombro permite a movimentação rápida e proporciona maior dinamismo. O *zoom* é usado com frequência e a imagem desfocada ou balançada faz parte da linguagem do programa que não prima pela imagem limpa. O objetivo é usar as imagens para dar mais emoção e credibilidade ao fato. Se é escura ou se tem qualidade, o que importa é a emoção que o dinamismo frenético combinando imagem e narração oferece ao telespectador.

Nesse sentido, a edição tem um papel subliminar. Não é na edição que o programa é definido ou editado na sua forma. O Bandeira 2 chega pronto na emissora, a edição faz apenas os ajustes para evitar que ultrapasse o tempo da rede e poucos retoques. Segundo Roma o editor chega à emissora à meia-noite, quando a equipe já deve estar encerrando o Bandeira 2. O apresentador entrega a fita com a sequência das matérias que serão exibidas e o tempo de cada uma. Cabe ao editor além de intercalar as matérias com os *merchandisings* e os comerciais, colocar algum tipo de efeito cobrindo o rosto de menores ou pessoas que não autorizem o uso de sua imagem durante as matérias, desfocar imagens muito fortes, como

corpos mutilados ou retirar palavrões usados por entrevistados que estejam alterados durante a matéria. E isso é comum de acordo com Roma, já que o foco do programa são os conflitos.

3.2 DE OLHO EM VOCÊ: ANÁLISE DO PRODUTO

A observação participante foi realizada nos dias 28 e 30 maio de 2011 com acompanhamento da equipe no horário de produção do programa na externa que começa às sete horas da noite e termina a uma hora da madrugada. O primeiro dia escolhido foi um sábado porque, segundo Roma, esse é um dia considerado “quente”, ou seja, cheio de ocorrências policiais. Logo na saída da emissora o apresentador liga para o 190, número de emergência da Polícia Militar para saber se houve alguma ocorrência grave na noite e se desloca para a delegacia, que é o primeiro ponto de parada da equipe.

Uma viatura da PM na frente da delegacia regional chama a atenção da equipe. Enquanto uma equipe de outra emissora grava a matéria dentro do recinto policial, Roma aguarda do lado de fora, obedecendo a um ajustamento de conduta feito com os órgãos ligados à justiça que impede os repórteres de permanecerem na delegacia enquanto o preso é entregue à Polícia Civil. O objetivo é evitar o tumulto de repórteres, todos falando ao mesmo tempo e entrevistando os policiais no momento do preenchimento do boletim de ocorrência. O ajustamento não é seguido na íntegra, mas para evitar problemas as equipes resolveram que as matérias seriam feitas por uma equipe de cada vez. Assim conseguem entrevistar os policiais militares que trazem as ocorrências e, portanto estão mais embasados sobre o assunto, e não só os envolvidos no fato.

Dentro da delegacia, existem dois jovens conduzidos pela Polícia Militar por estarem portando uma arma de brinquedo. Na entrevista, o policial que prendeu os rapazes conta que um deles é homicida e que ambos têm passagem pela polícia. “Esses dois são rapazes perigosos”, diz o policial. Roma entrevista os acusados que se defendem dizendo se tratar de uma arma de brinquedo e que não chegaram a ameaçar ninguém. O apresentador pergunta então se eles já foram presos ou cometeram algum crime e os dois confirmam e inclusive dizem ser foragidos da Funac (Fundação da Criança e do Adolescente), que cometeram os crimes quando ainda eram menores e hoje estão com 18 anos. Os presos iam ser liberados pela Polícia Civil por não ser configurado crime andar com arma de brinquedo e nem ter sido

apresentada nenhuma vítima. Mas, por causa da entrevista em que admitem ser foragidos, acabaram sendo autuados para terminar de cumprir a pena na Funac.

Apesar de esse ter sido o primeiro assunto da noite, o apresentador disse que iria colocá-lo no meio do programa por resultar em um fato interessante. Neste caso o valor notícia da transgressão foi a característica da matéria, pelo apresentador no desenrolar da notícia ter encontrando relevância num fato que poderia passar despercebido. A disponibilidade pelo fato da ocorrência estar na delegacia e ser de acesso fácil para o apresentador e o critério tempo apropriado como gancho foram outros valores usados como critérios para a notícia. Atualmente a Delegacia Regional de Imperatriz está interditada pela justiça por superlotação, só são recebidos pela Polícia Civil casos de flagrante. A matéria feita no sábado foi exibida no terceiro bloco do programa de segunda-feira.

A abertura do programa foi feita na segunda matéria, um acidente envolvendo um pedestre e um motociclista na rua Floriano Peixoto. A equipe chegou ao local quando a pessoa ferida estava sendo socorrida pelo Samu. O repórter fez entrevistas com algumas testemunhas e como nenhuma das vítimas pôde ser ouvida, contou o fato e logo chamou o intervalo. A matéria durou pouco mais de três minutos. Valores notícia disponibilidade pela facilidade de registrar o acontecimento sem ter que se deslocar pra muito longe, o critério dia noticioso já que nem sempre existem assuntos ‘quentes’ suficientes para cobrir uma hora de programa, foram os que determinaram que essa matéria fosse noticiada. Nessa abertura também foi observado um diferencial, o apresentador disse que normalmente as primeiras matérias são maiores, aqui foi feito o contrário, ao ser questionado, Roma explica: “Como hoje é sábado, tem sempre muita matéria quente, então faço umas buchas [matérias frias] para iniciar o programa. Nesse caso podem ser menores pra sobrar mais tempo pras matérias melhores”.

A equipe se deslocou para fazer a matéria do sorteio de alguns produtos de uma rifa que serviria como complemento de um pedido de ajuda para uma mulher que estava doente e que foi abandonada pelo marido. Ela procurou o programa na tentativa de conseguir dinheiro para fazer um tratamento médico. A entrevista como forma de “apelo” foi exibida na semana anterior, mas no caminho, uma ocorrência mais importante fez a equipe mudar a rota.

No Parque Santa Lúcia, periferia da cidade, uma mulher foi presa acusada de estar sendo usada como “isca” para assaltos a mototaxistas. No local, havia uma multidão no meio da rua e a mulher sendo conduzida para dentro do carro da polícia para evitar um linchamento. Roma começou a matéria ouvindo um policial, depois entrevistou um

mototaxista que foi assaltado dias antes e reconheceu a mulher. A acusada também foi entrevistada e negou envolvimento nos assaltos. Ao entrevistá-la, o apresentador utilizou linguagem coloquial e que sugere certa proximidade: “Ê cumadi, a senhora tá sendo confundida ou é a senhora mesmo?”, perguntou. Outro mototaxista entrevistado completou: “É essa vagabunda aí mesmo, ela teve foi sorte da nós num pegar ela.”. A polícia levou todos para a delegacia onde Roma deu sequência à notícia. Antes de começar a gravar, ele conversou com os policiais e com a acusada que autorizou a entrevista, mas quis falar de costas para a câmera e disparou: “Se ele pega umas raparigas por aí não é problema meu, eu moro é com meu pai, sou rapariga não”, afirma. A mulher pediu que o mototaxista apresentasse provas. Roma usou um jargão, dizendo que a mulher era acusada de levar os mototaxistas para o “cheiro do queijo”, que de acordo com ele, significa armadilha.

Por não ter sido presa em flagrante e só aparecer uma das três vítimas, a mulher foi liberada. Os valores notícia nesta matéria foram o gancho, já que uma matéria anteriormente divulgada dentro do próprio Bandeira 2 abordava os assaltos aos mototaxistas, a consonância com a contextualização da novidade e a disponibilidade, a equipe não estava ocupada com nenhuma outra ocorrência no momento em que o fato aconteceu. Essa matéria foi exibida na metade do programa como quinto bloco.

Após chamar um intervalo ainda na delegacia já havia outra ocorrência. Duas armas e munições foram apresentadas à Polícia Civil e uma pessoa que trabalhava em uma empresa de segurança foi detida. De acordo com os policiais militares, as armas tinham registro de porte, mas não foi apresentada a guia de transporte e por isso foram apreendidas. O acusado não quis ser entrevistado, mas disse que estava aguardando o dono da empresa para apresentar o documento e ser liberado. O valor notícia relevância, já que é proibido o uso de arma de fogo sem porte, e a infração de regras, foram observados como critérios nessa notícia. Os fatores tempo e disponibilidade pelo fato da ocorrência chegar à delegacia e a equipe já se encontrar lá e a referência a matérias exibidas com frequência no programa abordando o assunto, foram também determinantes.

Enquanto não acontece nenhuma ocorrência policial, os repórteres aguardam do lado de fora da delegacia. No primeiro dia de acompanhamento da equipe do Bandeira 2, às 9h da noite, já haviam sido feitas quatro matérias, com um tempo de 21 minutos. A quinta matéria a ser feita na noite foi o sorteio de uma rifa no Parque das Estrelas, na avenida Jacob. O apresentador ligou para a presidente da associação do bairro e disse que estava indo ao local do pedido de ajuda para uma mulher que estava precisando de dinheiro para fazer um

tratamento médico, essa entrevista foi exibida na semana anterior. Roma chegou ao local com os produtos que fariam parte do sorteio. Duas bolsas doadas por um empresário que também é patrocinador do programa, um aparelho de DVD doado pelo apresentador e um tapete, doação da associação do bairro.

A rifa foi uma ideia do apresentador para aumentar a arrecadação para a família que foi até o programa pedir ajuda. “Como eu não posso ajudar todo mundo, nem posso dizer não, criei essa forma de ajudar com rifas. Assim, se durante a entrevista a pessoa não receber ajuda suficiente para o que ela precisa, a rifa vai servir como complemento.” Nesse caso a dramatização é um fator destacado, já que busca a valorização do personagem de forma comovente, falando do drama vivido por essa pessoa e porque ela precisa ser ajudada. A entrevista foi exibida logo no segundo bloco do programa, horário em que de acordo com o apresentador, o programa é menos assistido e portando, são inseridas matérias mais “frias”. O critério utilidade que Amaral (2006, p. 69) destaca, aqui aparece no viés de assistencialismo em que as pessoas surgem como “coitados que precisam ser ajudados”. Este tipo de entrevista não se encaixa como produto jornalístico, pois não carrega uma das características principais da notícia que é o interesse público. O que se sobressai neste caso é o interesse pessoal, particular.

Logo em seguida a equipe retorna para o ponto de apoio que é a delegacia, onde uma mulher espera para fazer uma denúncia. Roma começa a entrevistar a mulher que diz ter procurado o programa porque o marido dela fugiu com uma suposta sobrinha dele e ainda levou as coisas da casa. Segundo ela, o marido havia colocado uma moça dentro da casa deles dizendo que era sobrinha dele, mas, de acordo com ela, era a amante e eles teriam fugido juntos. Logo em seguida ela falou de uma pessoa com deficiência, e o repórter indaga; “E mesmo assim ele fugiu com a outra? Como ele fez isso?” Então ela diz que o deficiente físico seria um vizinho e pede para Roma não falar nele que não tem culpa de nada.

O apresentador nessa hora quase parou a entrevista e disse não entender nada que ela estava dizendo. A mulher teve que contar a mesma história várias vezes para conseguir explicar o que ela queria, e sempre colocava o vizinho que era deficiente no meio, e depois dizia para o apresentador não envolvê-lo no assunto, Roma ao perceber que a matéria estava muito complicada chamou o Doutor Foguinho para tentar explicar e dar um diagnóstico sobre o assunto. Dr Foguinho é um personagem do setor da delegacia que ficou conhecido na cidade por aparecer nos programas policiais “filosofando”, logo ele ganhou de presente dos apresentadores um jaleco e um estetoscópio para montar o figurino. Trata-se de um homem

que vivia alcoolizado, mas sempre se mantinha lúcido ao conversar sobre vários assuntos sempre oferecendo uma resposta hilariante para os problemas. Hoje ele faz propagandas de lojas da cidade e é apresentador de um programa de humor exibido pela Rede TV local, em que vai aos eventos sociais da cidade e entrevista as pessoas da forma que ele achar conveniente, o resultado é sempre risos.

No caso dessa matéria ele disse “A senhora ta é apaixonada não é, ela quer é o marido dela de volta Roma.” Roma encerra a matéria chamando um mototaxi para levar a mulher e o cachorro dela pra casa. Nesse contexto que configura uma situação inusitada, Foguinho, figura alegórica provoca o riso e o distanciamento da carga dramática do fato por meio de um personagem e faz com que a responsabilidade de Roma seja despersonificada. O entretenimento descrito por Amaral (2006, p. 64) como um dos fatores importantes no jornalismo popular também aparece nesse contexto que seriam “histórias de gente comum encontrada em situações estranhas”.

Assim que termina a matéria a equipe sai correndo para outra ocorrência. Na frequência do Samu, uma ambulância é chamada com urgência para atender um caso de esfaqueamento no bairro Vila Lobão. No meio do caminho, a equipe discute o que é melhor, ir até o local ou esperar a ambulância na frente do hospital. Acaba se decidindo a arriscar colher maiores informações no local do acontecimento. Chegando ao local, o rapaz já estava recebendo os primeiros socorros dentro da ambulância. No meio da rua, muitos curiosos e bastante sangue no chão, mas pouca informação foi repassada durante a matéria, que teve de ser rápida. O objetivo da equipe era capturar imagens da chegada da ambulância ao hospital e, se possível, uma entrevista com a vítima contando os detalhes do crime.

Na frente do hospital, além do Bandeira 2, estavam três equipes de programas policiais à espera da ambulância. A equipe comandada por Jhonatan Sobreiro do programa “Ação Rápida” exibido pela Rede TV às 5h da tarde, Napoleão Neto do programa “Na boca do povo” também da Rede TV, que vai ao ar às 6h da manhã, e Paulo Negrão do “Imperatriz Urgente” da TV Band. Enquanto as equipes esperavam, outra ocorrência na frequência da PM sobre um tiroteio no bairro Beira Rio. As equipes preferiram esperar na frente do Hospital Municipal para não perder nenhuma matéria. Aqui o critério disponibilidade como facilidade para fazer a matéria já que não podem perder tempo, pois a maioria das notícias é factual está em primeiro lugar.

Logo chegou a ambulância com o rapaz da Vila Lobão e, na porta do Socorrão, Roma conseguiu entrevistar o pai da vítima que falou o que havia acontecido. Segundo ele, o filho

estava andando na rua quando foi surpreendido por um golpe de facão na cabeça, ele disse ainda que o rapaz conhecia o agressor, os dois tinham uma rixa e que o filho dele só conseguiu se salvar porque na hora que foi atingido correu e entrou numa casa pedindo socorro. Após a entrevista Roma usando o sensacionalismo ao exagerar na linguagem usada para descrever o fato disse; “Ele correu para não morrer porque o agressor veio com muita sede de sangue pra cima dele”. E encerrou dizendo que o motivo do crime seria um acerto de contas embasado no que o pai do rapaz havia dito durante a entrevista. A polícia não chegou a ser usada como fonte durante essa matéria nem houve uma contextualização maior da notícia. Mesmo não sendo o procedimento correto para se relatar uma notícia que deve sempre ouvir todos os lados. No modus operandi do *Bandeira 2* nem sempre todos os envolvidos nos fatos tem voz, o objetivo principal do programa é apenas passar a notícia para o telespectador, dessa forma, o fato chocante de uma tentativa de homicídio a golpes de facão já seria suficiente para que a notícia tivesse um grande interesse público. Depoimentos de testemunhas que confirmam o fato já são suficientes para completar a notícia que foi espetacularizada para chamar a atenção do telespectador. Para Amaral (2006, p. 67) “muitos jornais e programas adotam como prioritárias fontes que não têm papel de explicar o que ocorre na sociedade, mas assumem uma função testemunhal de autenticar o acontecimento ou gerar sensação”.

Terminou a matéria e no rádio-escuta a PM confirmou que no tiroteio no bairro Beira Rio houve um homicídio. Todas as equipes se deslocaram para o lugar onde aconteceu o crime. Uma multidão já cercava o corpo enquanto policiais militares tentavam resguardar o local. O corpo foi examinado por um médico do Samu que atestou a morte e foi usado como fonte oficial para o apresentador. Oito tiros haviam acertado o rapaz a maioria nas costas e na cabeça, ele foi identificado por populares como Leandrinho da Coronel. Roma entrevistou o médico, policiais e curiosos que diziam não terem visto nenhum suspeito, apenas ouvido tiros. O corpo foi encontrado nas margens do rio, na descida de um barranco onde ficam ancoradas as pequenas embarcações no local conhecido como Porto da Balsa.

Segundo Traquina (2005) onde há morte há jornalistas, o homicídio para o jornalismo policial é um ingrediente básico para atrair audiência. Nos relatos, os detalhes e a dramatização que chamam atenção para o fato. O sensacionalismo também é usado não só pela linguagem e os detalhes do crime quando ele diz “o tiro de misericórdia, o tiro fatal foi na nuca”, mas principalmente pelas imagens fechadas no corpo e do sangue espalhado no local. Com o homicídio que aconteceu às 22h, o programa já estava com o tempo de 40

minutos de matérias gravadas. A matéria entrou no final do programa, foi exibida quase 8h da manhã, horário de maior audiência segundo o apresentador.

Na noite de segunda-feira a última matéria foi uma prestação de serviço, usando o critério de utilidade abordado por Amaral (2006). Um mototaxista ligou para o celular do apresentador chamando para fazer uma matéria no Calçadão, localizado no Centro comercial de Imperatriz. Ao chegar ao local havia muitas peças de uma estrutura de ferro empacotada. O denunciante queria anunciar no Bandeira 2 para que o dono pudesse recuperar o material. De acordo com Roma, esse tipo de matéria não teria um interesse público grande, mas devido à audiência do programa, acaba ajudando muita gente.

Entre os programas policiais locais o valor notícia concorrência quase não é observado, como a maioria das equipes trabalha com rádio-escuta fica difícil o furo de reportagem, como aponta Bourdieu (1997). Essa busca pelo inusitado acaba nivelando os mídias que mostram todos o mesmo acontecimento. Nesse primeiro dia de acompanhamento da rotina de produção do programa, o que se observou é que todas as outras equipes cobriram as mesmas matérias, a diferença é que o Bandeira 2 iria exibir primeiro, mas, o que garante a audiência do programa é exatamente a credibilidade alcançada em quase 20 anos de história. Mesmo com a matéria sendo exibida por outros programas a referência ainda é o Bandeira 2. “Mesmo a matéria não sendo feita por mim, todos só dizem que viram no Bandeira 2” afirma Roma.

Após colher as matérias na externa, o apresentador selecionou as que seriam noticiadas e fez a anotação do tempo de cada uma sabendo quanto restava para fazer o encerramento. Roma contou que “dependendo do número de matérias feitas na noite é que eu fecho o programa. O encerramento pode ser maior ou menor dependendo do tempo das matérias”. Nesse dia, uma matéria ficou arquivada para ser exibida em outro programa caso houvesse necessidade.

Durante todo o programa, observou-se que as fontes institucionais mais usadas foram os policiais militares que sempre estão presentes durante as ocorrências e são quem conduzem vítimas e acusados a delegacia, e também os médicos do Samu que são entrevistados enquanto prestam socorro às pessoas que sofreram acidentes ou na chegada ao hospital. As fontes não institucionais foram caracterizadas pelo cidadão comum, que na maioria das vezes se enquadrava como vítima dentro do processo de construção da notícia ou testemunha de um fato e ainda os transgressores, esses normalmente eram entrevistados por último. Dentro do processo de construção da notícia no Bandeira 2 a primeira fonte ouvida é sempre o policial

que conduz a ocorrência. Este repassa as informações para o apresentador oferecendo as versões da vítima e do transgressor. Ao entrevistar os envolvidos no assunto, Roma dá voz a todos os lados da notícia, mas sempre que o transgressor se nega a falar, a versão da vítima é a aceita e repassada para o telespectador. E quando o acusado fala, dependendo do fato, tem sua versão menosprezada ou ridicularizada com o uso de algum clichê.

Algumas vezes o apresentador simplesmente se exime de imprimir algum comentário ou de fazer questionamentos sobre o assunto e diz que “as partes irão conversar com o delegado, que vai resolver o caso”, não existe a preocupação de checar as informações com outras fontes o que foi dito durante a matéria é exibido. Apesar de o programa ser feito durante o período noturno, o apresentador disse que os maiores problemas para a realização do *Bandeira 2* não são técnicos, são mas decorrentes de retaliações. De forma que é prejudicado o andamento do programa que precisa das informações das fontes oficiais para dar credibilidade às notícias.

As dificuldades maiores são humanas, a gente termina se indispondo com a polícia. Por ser um programa policial às vezes tem denúncia contra a polícia e é necessário fazer por causa da força da profissão, e aí os policiais começam a boicotar nosso trabalho. Já teve casos em que o comandante determinou aos policiais militares que aquele que desse entrevista ao *Bandeira 2* seria punido de alguma forma, então temos dificuldades nesse sentido. Recentemente a fuga de presos da regional de segurança gerou comentários no programa e gerou também uma retaliação na polícia civil sem permitir a entrada da imprensa na regional. Não é porque o programa é policial que vamos só elogiar a polícia, temos que tratar o fato com a verdade. A grande maioria são parceiros mas o boicote sempre existiu e vai existir porque o programa será feito com a verdade dos fatos.

O segundo dia escolhido para acompanhamento das rotinas de produção foi segunda feira, dia 30 de maio de 2011. Raimundo Roma diz que esse é um dia em que a equipe “vai pra casa mais tarde”, normalmente é um “dia noticioso” como explica Traquina (2005) um dia em que os eventos disputam entre si quais serão cobertos ou não, já que há dias em que se tem muito a noticiar e outros em que não se tem quase nada. Numa segunda feira nem sempre tem acontecimentos que virariam notícia, dessa forma notícias “frias” acabam ganhando destaque pela falta de assuntos com noticiabilidade forte. A primeira ocorrência só aconteceu as 19h45. Foi um acidente na BR-010 envolvendo um carro de passeio e um bezerro. O animal atravessou a pista e o motorista bateu de frente perdendo o controle da direção. A novilha

morreu no acostamento e o carro saiu da pista. O motorista ficou ileso, mas bastante assustado. Quando a equipe do Bandeira 2 chegou ao local, a Polícia Rodoviária Federal já fazia a sinalização e aguardava o guincho para rebocar o veículo. Logo no começo da matéria Roma diz: “acidente com vítima fatal na BR”. Uma forma de sensacionalismo, exagerando o acidente e de ironizar a morte do animal, usando o artifício do grotesco. Ao entrevistar uma das testemunhas do acidente, o rapaz diz “bicho bruto num tem juízo”.

O grotesco se estabelece durante quase toda a matéria que começa com os moradores da vizinhança desossando a vaca. Eles contam que cada um vai ficar com uma parte do animal e em menos de dez minutos ficam só o sangue, as vísceras e a cabeça do animal no chão. Enquanto isso, Roma entrevistou também o policial rodoviário e o dono do carro, e falou dos riscos de animais soltos na pista. Ao entrevistar o condutor do veículo, Roma se reportou a ele da seguinte forma; “Amigo, quando o senhor viu já tava em cima”. E o policial rodoviário ele trata pelo primeiro nome: “Adriano, como foi o acidente?” demonstrando intimidade com a fonte. Essa matéria foi bastante esticada para garantir a regra seguida pelo apresentador de sempre fazer maior as primeiras notícias. Segundo Traquina (2005, p. 239) “Normalmente, os jornalistas especializados desenvolvem relações estreitas e contínuas com as próprias fontes, que acabam se tornando fontes pessoais, quase informantes”.

De volta para a delegacia, uma família aguardava a equipe para denunciar o desaparecimento de um rapaz. De acordo com a irmã do desaparecido, ele havia saído de casa há quatro dias para uma pescaria com outros rapazes e sumiu. Além de mostrar a foto e contar a história, foi anunciado um telefone de contato para qualquer informação que levasse ao desaparecido. Essa matéria feita na frente da delegacia foi a notícia que iniciou o programa. Estão presentes critérios como disponibilidade, pelo fato dos denunciantes terem procurado o Bandeira 2, a visualidade, mostrando a foto do desaparecido e um telefone de contato que é disponibilizado em caracteres na tela da TV como artifício para facilitar o reconhecimento dele pelo telespectador. A simplificação, por se tratar de uma notícia sem ambiguidades com informações claras que podem ser entendidas pelo público, que inclusive é convocado pelo apresentador a ajudar a encontrar o homem desaparecido. A relevância fica por parte da dramatização da notícia feita pelo apresentador quando coloca a preocupação da família com o que pode ter acontecido. O corpo do rapaz foi encontrado três dias depois. Ele havia sido assassinado e jogado em um matagal.

Na frequência do Samu, a ambulância foi chamada para atender uma vítima de acidente na BR-010: um motoqueiro havia se chocado de frente com uma caminhonete. No

local a equipe encontrou o homem ainda recebendo os primeiros socorros na pista, havia fraturado uma das pernas e cortado a outra no impacto, seria levado para o Pronto-Socorro Municipal (Socorrão). As informações davam conta de que o motoqueiro saiu de um posto de combustíveis onde trabalhava e seguiu na contramão na BR para entrar em uma rua quando bateu na caminhonete que seguia desta rua para a rodovia. A relevância é o valor-notícia atribuído a esse fato, apesar de acidentes se tornarem cada vez mais frequentes, a mídia amplifica o acontecimento e faz com que as pessoas adquiram um pouco mais de consciência e responsabilidade no trânsito. A dramatização é usada com sensacionalismo ao mostrar com imagens fechadas, o médico tentando estancar o sangue da perna do homem ainda no local do acidente onde estavam sendo prestados os primeiros socorros. Só depois o homem foi colocado na maca e levado para o hospital.

“Toda segunda feira tem muito desaparecido”, afirma o apresentador. De volta a delegacia ele se deparou com uma mãe procurando o filho que de acordo com ela estava desaparecido há quase 36 horas. Esse era o segundo caso de desaparecimento registrado na noite. Ela disse que o rapaz era usuário de drogas e que já havia sido preso, mas nunca havia sumido. Ao final dessa matéria o apresentador aproveitou para fazer um alerta sobre o uso das drogas principalmente entre os jovens. No momento desse comentário, começa a dramatização com o intuito de apelar para o emocional do público. De repente chegou uma pessoa procurando os documentos que foram perdidos, tudo é exibido dessa forma, sem nenhuma edição. A relevância nesse caso se deu pelo fato do rapaz usar drogas e ter modificado seu comportamento inclusive desaparecendo e deixando a mãe dele preocupada. Casos como esse acontecem constantemente e envolvem muitas famílias que passam pelo mesmo problema. Por ter alguém em casa que é usuário de drogas usando esse contexto o apresentador conseguiu amplificar a notícia.

Em seguida, uma viatura da Polícia Militar chegou à delegacia com uma confusão de família. O filho havia agredido a própria mãe após ingerir bebida alcoólica. Dentro da delegacia o rapaz disse que a briga foi por causa do padrasto dele, e que ele não agrediu a mulher. A mãe do rapaz mostrou os hematomas pelo corpo e disse que foi o filho que a agrediu porque não aceitava a união dela com um homem mais novo. O rapaz disparou, “ele tem a minha idade mãe”. Roma ouviu os dois lados da história e os policiais que trouxeram a ocorrência, mas não fez comentários, encerrou a matéria na frente da delegacia conversando com Zé Cabaré, um personagem conhecido da cidade que só anda todo arrumado em uma bicicleta antiga, mas bem conservada e com um facão na bainha. O apelido surgiu por ele

morar na “Farra Velha” setor onde na década de 1980 ficou conhecido por abrigar muitos prostíbulos. Roma pergunta o que o filho que bateu na mãe merecia e Zé Cabaré respondeu; “Uma surra de peixeira”. Nesse caso, Roma mais uma vez se exime dos comentários em um fato considerado grotesco onde os papéis sociais se invertem e usa um personagem que incita o riso para reduzir a carga dramática da situação. O critério conflito ou controvérsia esteve presente nessa matéria ao representar violência e uma ruptura na ordem social.

Depois da meia-noite não houve mais nenhuma ocorrência na frequência da polícia. A equipe fez uma ronda por alguns pontos críticos da cidade e Roma decidiu chamar a matéria que havia ficado de *stand by* do sábado para fechar o tempo geral do programa. No encerramento feito na TV ele convidou a observadora para ser entrevistada e contar qual o motivo dessa vivência de dois dias acompanhando as rotinas de produção do Bandeira 2. Foram quatro minutos, apenas para fechar o tempo geral do programa.

Os valores de seleção e de construção apontados por Traquina (2005) são de grande importância dentro dos critérios observados no Bandeira 2. Morte pelo fato de se sobressair como factual em qualquer aspecto e gerar grande interesse público. Disponibilidade principalmente por oferecer maior agilidade para fazer mais matérias em um menor espaço de tempo. A proximidade, por todas as matérias serem feitas na cidade ou na região. A dramatização, por trabalhar com acontecimentos conflituosos e aspectos emocionais. O tempo, apropriado principalmente pela atualidade dos assuntos que normalmente são factuais e pela ligação com outras matérias feitas anteriormente pelo programa. O inesperado, o que surpreende tem um valor notícia mais forte e é noticiado como matéria quente. O conflito que marca a forma da violência e o consenso dos que estão seguindo ou não às regras impostas pela sociedade. A infração presente em matérias nas quais é percebido o desvio as regras. Como o programa é feito a noite, tempo é um fator crucial, já que todo o material deve ser editado para exibir na manhã do dia seguinte.

Os jornais impressos da terça feira, dia 31 de maio de 2011, trouxeram como destaque a matéria exibida no Bandeira 2 do dia anterior. No Correio Popular a manchete de capa foi “E mataram Leandrinho” referindo-se ao rapaz de 23 anos de idade morto a tiros na beira rio na noite de sábado dia 28. No jornal o Progresso, a mesma matéria foi publicada da seguinte forma “Jovem é assassinado a tiros no porto da balsa” e estava em destaque na página policial. Os dois jornais mostraram a foto do homem morto. De acordo com Roma isso acontece com frequência, as notícias mais “quentes” do Bandeira 2 viram manchetes dos jornais impressos do dia seguinte.

Apesar de sempre estar acompanhando matérias que envolvam imagens fortes, Raimundo Roma, ao ser perguntado sobre um fato que o tenha marcado durante o período em que está apresentando o Bandeira 2, imediatamente falou de um acidente ocorrido em 2008, envolvendo um caminhoneiro. Ele contou que o acidente foi grave na BR-010 e o homem ficou preso nas ferragens, mas quando a equipe chegou ao local, ele ainda estava vivo e consciente, inclusive orientando os bombeiros, que não contavam com os equipamentos necessários para fazer esse tipo de salvamento e demoraram muito ao prestar o socorro. Roma lembrou emocionado que viu o homem morrendo enquanto estava sendo retirado das ferragens e que o momento da morte não foi exibido dentro do programa em respeito aos telespectadores e à família da vítima.

As matérias exibidas diariamente no Bandeira 2 são construídas em sua maioria sem considerar o contexto em que acontecem, o objetivo não é mostrar o porquê dos fatos ou a realidade social dos envolvidos, e sim causar impacto e atrair a atenção dos telespectadores pelo sensacionalismo, inusitado ou violento da notícia apresentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostra que dentre as principais funções cotidianas dos jornalistas estão selecionar e priorizar quais são os fatos mais suscetíveis de terem valor como notícia. A partir dessa premissa, o jornalista se torna responsável em transformar os acontecimentos em notícias e divulgá-los por meio de uma linguagem direta ao seu público-alvo.

Estudar os critérios de noticiabilidade presentes em um programa policial como o *Bandeira 2* revelou a dificuldade de fazer matérias diariamente sobre o mundo do crime e definir quais delas merecem ou não destaque e quais vão atrair o maior número de telespectadores. Nessa pesquisa pôde-se observar que os critérios de noticiabilidade são aplicados pelo apresentador em todo o processo de produção do programa, desde a seleção, passando pela construção e apresentação das notícias e durante a exibição do *Bandeira 2*. Mesmo sem ter conhecimento teórico sobre os critérios de noticiabilidade, Roma consegue de forma inconsciente construir um programa com os valores notícias que se encaixam no formato do jornalismo policial.

Com o auxílio desse estudo pode-se dizer que a importância dos fatos é medida pela capacidade de interesse que eles despertam no público. Traquina (2005) reforça a questão quando diz que o jornalista tem uma autonomia relativa para escolher o que vai se transformar em notícia, ao mesmo tempo esta é uma atividade condicionada por vários fatores, como a pressão do tempo, a hierarquia, a competitividade e as ações dos agentes sociais ou poderes que o envolvem. A análise chegou à conclusão que alguns critérios são fundamentais no jornalismo policial e, portanto estão presentes com mais frequência dentro do que ganha *status* de notícia no *Bandeira 2*.

Os valores notícia apontados por Traquina (2008) como tempo e morte, em que as notícias quentes e que atraem a atenção do público têm mais chances de serem publicadas no *Bandeira 2*, pois com o imediatismo implícito nelas aproxima mais o telespectador do assunto. Outros critérios são; proximidade e disponibilidade, devido ao fator tempo, facilidade e interesse despertado no público, garantem uma relação de referência com a notícia exibida. A infração é outro valor notícia com presença constante no jornalismo policial, que vai contra as leis e normas estabelecidas pela sociedade e por isso merecem destaque. O critério utilidade definido por Amaral (2006) também foi bastante observado dentro do programa analisado nessa pesquisa.

Fatos importantes, interessantes e inéditos estão ao alcance de todos, mas só os bons jornalistas são capazes de enxergá-los e apresentá-los ao público de forma atrativa. De acordo com Bourdieu, os jornalistas possuem óculos através dos quais veem os fatos de forma diferente do público em geral.

Ao acompanhar a produção do programa *Bandeira 2* e realizar entrevista com o apresentador Raimundo Roma, pôde-se observar que o programa é produzido para um público bem específico, as classes economicamente menos favorecidas. Roma carrega uma identidade de representante, “cão de guarda” e defensor das vítimas. Identidade essa reforçada pelos telespectadores que o procuram nos momentos de necessidade e o programa é usado como prestador de serviço. Roma é procurado pelos telespectadores para resolver problemas como o roubo de um animal, para se fazer pedidos pessoais de ajuda, para reclamar de falta de energia ou de um buraco na rua.

Quanto à audiência do *Bandeira 2*, acredita-se que esse gênero de programa desperta interesse na população, pelas experiências vivenciadas na sociedade, e da violência fazer parte da vida cotidiana do brasileiro. Barbero (2003) afirma que, desde a literatura de cordel, os crimes atraem grandes contingentes de público e, na sociedade atual, marcada pelo espetáculo, expor os crimes na televisão satisfaz a uma curiosidade que já está presente na população há muito tempo. Isso explicaria a grande audiência dos programas policiais. Dessa forma, a exibição cotidiana das representações da violência faz com que a população se habitue e tolere cenas que antes causariam horror.

No *Bandeira 2*, a informação apresentada juntamente com a publicidade de diversas lojas e produtos feitas pelo apresentador, mostra a comercialização da notícia presente de forma sensacionalista para atrair um público específico. A forma de fazê-lo é diferente do jornal de referência, o apresentador está nas ruas, em contato com o público alvo e o formato imprime velocidade à narrativa, explorando o recurso do plano-sequência e a personalização do apresentador que faz a matéria como uma “conversa” com o telespectador usando a primeira pessoa e uma linguagem cheia de clichês e jargões para garantir proximidade. O público se sente no local dos fatos, algo comparado a quem fica sentado na calçada, vendo o que acontece na rua.

Amaral (2006) afirma que o jornalismo popular sensacionalista mistura informação e entretenimento o que fortalece a identificação com o público. O conteúdo emocional e a estratégia de tratar casos de polícia e de violência buscando dramatizar os fatos, de modo a oferecer ao telespectador não só informação, mas, principalmente, emoção. Assim, o sucesso

do gênero policial presente no Bandeira 2, está ancorado entre o fazer-saber (informar) e o fazer-sentir (emocionar).

Concluimos que, a forma de divulgar essa informação, atribuindo a ela grande carga de dramaticidade e de escândalo, como fazem os telejornais policiais, torna o “produto” notícia mais atraente ao telespectador. A forma de captação da audiência desse jeito é perfeitamente compreensível dentro de uma lógica de alta competitividade comercial e de disputa pela audiência entre as emissoras de TV aberta. Só lembrando que a tirania do fator tempo não deve ser usada como desculpa para que os jornalistas esqueçam as regras triviais do trabalho “como a verificação da informação, ou o respeito total pela fronteira entre fato e ficção (TRAQUINA, 2005, p. 208).” Mas essa é uma discussão que não se esgota aqui. Ao contrário, abre novas possibilidades para investigações futuras.

ANEXOS



Equipe do Bandeira 2 aguardando para fazer a matéria do lado de fora da delegacia, cumprindo um ajustamento de conduta feito pela justiça.



Grotesco e sensacionalismo, representados pelas imagens da novilha sendo desossada pelos moradores das proximidades onde aconteceu um acidente na BR-010.



Momento de descontração, as equipes fazem um lanche toda noite juntas na porta da delegacia.



Policial (fonte oficial) que trouxe a ocorrência dos rapazes presos por portar uma arma de brinquedo e os acusados sendo entrevistados pelo apresentador.





Acidente com vítima sendo socorrida pelo Samu no meio da BR-010



Acusada, vítima e policial todos na delegacia acompanhando o preenchimento do boletim de ocorrência para serem ouvidos pelo delegado de plantão. O apresentador ouviu os três em entrevista.



Entrevista com a mulher que seria beneficiada com uma rifa para ajudá-la a fazer um tratamento de saúde.



Mulher procurando um parente desaparecido na frente da delegacia após fazer um boletim de ocorrência.



Homem assassinado a tiros nas margens do rio Tocantins, no lugar conhecido como porto da balsa.



Manchetes dos jornais impressos de Imperatriz mostrando o assassinato de Leandrino da Coronel, uma matéria que foi destaque no Bandeira 2 do dia 30 de maio de 2011.

INFORME
A PARTIR DE AMANHÃ, 1º DE JUNHO, O EXEMPLAR DO CORREIO POPULAR CIRCULA AO CUSTO DE R\$ 0,50, MAIOR DE VALOR FORCADA PELA ELEVÇÃO DOS CUSTOS DE PRODUTOS UTILIZADOS NO JORNAL IMPRESSO.

CORREIO Popular
www.jornalcorreipopular.com - Fone: (99) 3525-5929
EDIÇÃO 75 - ANO 01 - IMPERATRIZ - MA - TERÇA-FEIRA, 31 DE MAIO DE 2011

E MATARAM LEANDRINHO
Aos 23 anos de idade, Leandro foi morto na região da cidade onde era mais conhecido, mais temido e mais respeitado.



- PAG. 03

CRÍTICAS DE SAUGHES A CARLINHOS

Terça-feira, 31.05.2011

Polícia

Policiais federais apreendem 25 kg de cocaína em fundo falso de caminhão
Araguaína-TO - A Polícia Federal (PF) e Polícia Rodoviária Federal (PRF) de Araguaína apreenderam 25 quilos de cocaína na madrugada desta segunda-feira, 30, por volta de 1 hora. A apreensão foi realizada no Posto da PRF na BR-153. A droga estava escondida em um fundo falso de um caminhão que transportava transformadores de energia elétrica, que tinham como destino São Luís. De acordo com a PF, a polícia chegou até o veículo depois de denúncias informadas que se servia como um caminhão Mercedes-Benz, com placa de São Paulo (SP) e que estava com destino a Araguaína, onde provavelmente a droga seria entregue. O condutor do caminhão, Justino Mendes Melo, 55 anos, que foi detido em flagrante e submetido a exame de corpo delito, foi encaminhado à Unidade Prisional de Araguaína. Esta foi a segunda apreensão de cocaína feita desde quinta-feira, 26. A PRF já havia apreendido cerca de 100 kg de droga, em Goiás.

Acidente envolvendo ônibus e caminhonete deixa uma vítima fatal no Trecho Seco
O acidente aconteceu por volta de 20h45, na BR-010, no povoado Trecho Seco, no município de São Francisco do Brejo, a cerca de 80 quilômetros de Imperatriz.
No acidente, envolveram-se um ônibus da empresa Viação Açailândia e uma caminhonete S/10. Os dois veículos se chocaram frontalmente, o que ocasionou a morte instantânea de Diomar de Araújo Santos, o motorista retilva do ônibus, que fazia a linha Imperatriz/Bém.
O outro motorista do coletivo, Joaquim Baia de Araújo Neto, ficou ferido e se encontra sob observação em um dos hospitais da cidade. O condutor da caminhonete, José Ramalho Diniz Junior, se encontra em estado grave num hospital da cidade, cujo nome não foi divulgado.
Agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF), do posto da PRF do Povoado Pequiá, estiveram no local e fizeram os primeiros procedimentos, liberando a pista, que ficou interditada por várias horas.
As causas do acidente somente serão definidas depois de feito o laudo técnico, que deverá ser informado possivelmente em 15 dias.
Nenhum passageiro se feriu gravemente e a empresa Açailândia deu assistência necessária, além de outros ônibus ter sido providenciado para seguir viagem. Alguns passageiros preferiram retornar para casa.

Jovem é assassinado a tiros no Porto da Balsa
Leandrino da Coronel foi assassinado com vários tiros
O crime foi registrado no Plantão Central da 10ª Delegacia Regional de Imperatriz e ontem repassado à Delegacia do 1º Distrito Policial, onde será investigado. A Polícia ainda não tem

Ancião morre vítima de atropelamento na Avenida Industrial
Vítima de acidente, faleceu não pensou em ir ao trabalho. Irá sofrer vários ferimentos

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI Sobrinho, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

MARTIN-BARBERO, Jesús; **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

BARROS, Edelvira Marques de Moraes. **Imperatriz: Memórias e Registros**. Imperatriz, MA: ÉTICA, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BORELLI, Sílvia; PRIOLLI, Gabriel. **A deusa ferida**: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. São Paulo: Summus, 2000.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 1991

LAGE, Nilson. **Teorias e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2003.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **A história da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2002.

NATALINO, Marco Antonio Carvalho. **O discurso do telejornalismo de referência**: criminalidade, violência e controle punitivo. São Paulo: Método, 2007.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

RONDELLI, Elizabeth. **Imagens da violência: práticas discursivas**. São Paulo: Tempo Social, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005b.

VIZEU, Alfredo; PORCELO, Flávio; COUTINHO, Iluska: (orgs). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: PUCRS, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: Uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996